



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DELER
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS LIBRAS

ESTELIUDE SANTOS CARDOSO

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO DAS GÍRIAS
UTILIZADAS PELA COMUNIDADE SURDA DE SÃO LUÍS - MA

São Luís
2024

ESTELIUDE SANTOS CARDOSO

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO DAS GÍRIAS
UTILIZADAS PELA COMUNIDADE SURDA DE SÃO LUÍS - MA

Monografia apresentada ao Curso Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Me. Ricardo Oliveira Barros

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nilza Oliveira Quixaba

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cardoso, Esteliude Santos.

Processos de Formação de Sinais: Um Estudo das Gírias Utilizadas Pela Comunidade Surda de São Luís - Ma / Esteliude Santos Cardoso. - 2024.

67 p.

Coorientador(a) 1: Maria Nilza Oliveira Quixaba.

Orientador(a): Ricardo Oliveira Barros.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras/libras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Libras. 2. Gírias. 3. Morfologia. 4. . 5. . I. Oliveira Barros, Ricardo. II. Oliveira Quixaba, Maria Nilza. III. Título.

ESTELIUDE SANTOS CARDOSO

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS: UM ESTUDO DAS GÍRIAS UTILIZADAS
PELA COMUNIDADE SURDA DE SÃO LUÍS - MA

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Ricardo Oliveira Barros (Orientador)

Prof.^a. Dra. Maria Nilza Oliveira Quixaba (Coorientadora)

Prof. Me. Arenilson Costa Ribeiro

Prof. Esp. Maik Waldemar Araujo Oliveira

Dedico esta monografia à comunidade surda de São Luís!

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação e gratidão a Deus que apresento a conclusão desta monografia. Este estudo foi fruto de muita dedicação e superação, além de muitos esforços, pesquisas, leituras sobre processos de formação de sinais: gírias tanto nas línguas orais, quanto na Língua Brasileira de Sinais.

Evidencio meu apreço e minha consideração ao meu orientador, Prof. Me. Ricardo Oliveira Barros e à minha coorientadora, Prof^a. Dra. Maria Nilza Oliveira Quixaba, que me nortearam para a realização desta monografia. Em especial, agradeço ao Prof. Me. Ricardo Oliveira Barros pela sua disponibilidade e pelo seu incentivo durante a realização deste estudo, pois sempre que possível me orientava no presencial ou online.

Deixo os meus sinceros agradecimentos também ao grupo de Pesquisa Maranhão em Sinais que foi a fonte principal deste presente estudo.

Não poderia deixar de citar meus professores do Curso de Graduação em Letras – Licenciatura em Língua Brasileira de Sinais, que fizeram parte de minha vida acadêmica, ajudando-me direta ou indiretamente e me capacitando durante este curso: Arenilson, Tereza, Samara, Claudiane, Zuleica, Maik, coordenadora Heridan Guterres, entre outros.

Agradeço também a meus colegas de turma, especialmente, as minhas amigas Celi Rosa, Elis Maria, Aline, e Luana, pessoas estas que ficarão para sempre em minhas lembranças, pois estávamos sempre juntas nos momentos de discussões dos nossos estudos e das diversões. Reconheço que todas tiveram participação em meu amadurecimento como acadêmica.

Sou eternamente grata à minha mãe Lúcia dos Santos Martins pelo apoio e pelas orações, fortalecendo-me no âmbito dos meus estudos, a meus irmãos e também a meu pai Felix Martins (*in memoriam*), que tanto almejava a minha conclusão no curso superior.

Demonstro meu reconhecimento, em especial, à minha família que foi o meu porto-seguro nessa longa jornada acadêmica, cito aqui os meus queridos filhos, Estela Santos Cardoso Rodrigues Pereira e Carlos Celso Rodrigues Pereira Filho, e o meu companheiro Celso Pereira, que estavam ao meu lado nos momentos necessários no decorrer da minha vida acadêmica, proporcionando-me todo o apoio que precisava.

Vale lembrar também duas grandes pessoas que me deram todo o apoio para que eu fizesse o curso de Letras-Libras, meu amigo Gabriel Vidinha e minha cunhada Maria Amélia Rodrigues, ambos foram grandes incentivadores.

"É maravilhoso ter ouvidos e olhos na alma. Isto completa a alegria de viver." (Helen Keller)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender os processos morfológicos de formação de sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís; e como pergunta de pesquisa: “Quais processos morfológicos podem ser observados nas gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís?”. Coloca-se como uma proposta para elucidação e ampliação das discussões sobre os processos de formação de novos sinais que concorrem à anexação ao léxico da Libras, aqui em especial. Como referencial teórico relacionado ao estudo da morfologia, buscaram-se Quadros e Karnopp (2004), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Faria-Nascimento (2009; 2013), Quadros (2019) e Quadros et al. (2023), entre outros autores. Sobre gíria, citam-se Preti (1984; 2000) e Silva (2008). Sobre gírias em Libras, recorreu-se a Silva (2015) e Cruz (2020). A pesquisa é um estudo descritivo qualitativo e quantitativo dos sinais presentes na categoria gíria no site Maranhão em Sinais. Foi feito o instrumento de análise no qual classificam-se os sinais do referido site de acordo com os processos morfológicos preponderantes em sua formação; descobriram-se 06 (seis) sinais-gíria com processos morfológicos de flexão de concordância, 20 (vinte) sinais com flexão de aspectual, 06 (seis) com transferência de tamanho e forma, 10 (dez) sinais com transferência de situação, 14 (quatorze) com transferência de pessoa, 02 (dois) sinais com transferência de vibração, 01 (um) sinal com incorporação de negação, 02 (dois) sinais com derivação por léxico não nativo; 04 (quatro) sinais-gíria com composição por justaposição; 03 (três) sinais com composição por aglutinação; revelaram-se também 05 (cinco) sinais que foram classificados como metáforas equivalentes na forma e no sentido. Além desses processos citados, levantaram-se discussões sobre sinais, considerados como não gírias, e sobre a nomeação de sinais-gíria.

Palavras-Chave: Libras. Gírias. Morfologia.

ABSTRACT

This study aimed to understand the morphological sign formation processes of the slang used by the deaf community of São Luís; and it tries to answer the following question: What morphological processes can be observed in the slang used by the deaf community of São Luís? It is important because it can help the research about Libras morphology, and elucidate questions about the formation of signs. As a theoretical framework for the study of morphology, we used Quadros and Karnopp (2004), Aronoff, Meir and Sandler (2005), Faria-Nascimento (2009; 2013), Quadros (2019) and Quadros *et al.* (2023) and other authors. About slang, we used Preti (1984; 2000) and Silva (2008). We turn to Silva (2015) and Cruz (2020) to talk about slang in Libras. The research is a qualitative and quantitative descriptive study of the signs present in the slang category on the Maranhão em Sinais website. We made the analysis instrument in which we classified the signals from this site according to the predominant morphological processes in their formation; we discovered 06 (six) slang signs with morphological processes of concordance inflection, 20 (twenty) signs with aspectual inflection, 06 (six) with transfer of size and shape, 10 (ten) signs with transfer of situation, 14 (fourteen) with transfer of person, 02 (two) signs with transfer of vibration, 01 (one) sign with negation annexation, 02 (two) signs derived from a non-native lexicon ; 04 (four) signs composed by juxtaposition; 03 (three) signs composed by agglutination; we also discovered 05 (five) signs that were classified as equivalent metaphors in form and meaning. In addition to these cited processes, we raised discussions about signs that we consider to be non-slang, and about naming slang signs.

Key words: Libras. Slang. Morphology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: CASA, morfema livre	23
Figura 2: LÍNGUA-DE-SINAIS, morfema livre	23
Figura 3: LÍNGUA-DE-SINAIS^INFERIOR (morfema boca, morfema preso)	24
Figura 4: LÍNGUA-DE-SINAIS^FÁCIL (morfema boca, morfema preso)	24
Figura 5: Flexão de concordância no verbo ENTREGAR	26
Figura 6: Flexão aspectual nos sinais ENTREGAR, IR e GASTAR	27
Figura 7: Flexão de plural no sinal CASA.....	27
Figura 8: Transferência de tamanho e de forma: tronco de árvore. Início – meio - fim.....	29
Figura 9: Transferência de situação	29
Figura 10: Transferência de corpo	30
Figura 11: Comparação de transferência de vibração	31
Figura 12: Incorporação da negação nos sinais QUERER-NÃO, SABER-NÃO e GOSTAR-NÃO.....	32
Figura 13: Sinal CABEÇA^DURA	33
Figura 14: Incorporação de numeral nos sinais de HORA e MÊS.....	33
Figura 15: Derivação a partir do morfema DOIS	35
Figura 16: Derivação a partir de léxico não nativo nos sinais NUNCA e AZUL	36
Figura 17: Sinal IGREJA, composto por CASA e CRUZ.....	37
Figura 18: Aglutinação dos sinais LETRAS e LIBRAS para formar o sinal LETRAS-LIBRAS	38
Figura 19: Sinal-gíria RAZÃO	48
Figura 20: Sinal-gíria ÓDIO.....	49
Figura 21: Sinal-gíria OLHO-VIVO	49
Figura 22: Sinal-gíria SACO-CHEIO.....	50
Figura 23: Sinal-gíria PESCANDO.....	51
Figura 24: Sinal-gíria DORMINHOCO	52
Figura 25: Sinal-gíria NÃO-LEMBRO	52
Figura 26: Sinal-gíria CARA-DE-PAU.....	53
Figura 27: Sinal-gíria AFF.....	54
Figura 28: Sinal-gíria MEU-DEUS	54
Figura 29: Sinal-gíria SEM-GRAÇA	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cabeçalho do instrumento de análise de dados	44
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrências dos processos morfológicos no corpus pesquisado	46
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LS – Línguas de Sinais

ULS – Unidades Lexicais Sinalizadas

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: NATURALIDADE LINGUÍSTICA E RECONHECIMENTO LEGAL	18
3 MORFOLOGIA DA LIBRAS	21
3.1 Morfologia simultânea	25
3.1.1 Flexão de concordância.....	26
3.1.2 Flexão aspectual	26
3.1.3 Flexão de número	27
3.1.4 Transferências	28
3.1.4.4 Transferência de vibração	30
3.1.5 Incorporação da negação.....	31
3.1.6 Metáfora equivalente na forma e no sentido.....	32
3.1.7 Incorporação do numeral	33
3.2 Morfologia sequencial.....	34
3.2.1 Derivação na Libras	34
3.2.2 Composição na Libras.....	36
4. GÍRIAS: AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE ESTE FENÔMENO LINGUÍSTICO	39
4.1 Gíria e Língua Brasileira de Sinais	40
5. METODOLOGIA.....	43
5.1 Banco de dados da pesquisa.....	43
5.2 Instrumento de coleta de dados.....	44
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	45
6.1 Análise quantitativa baseada nos processos morfológicos	45
6.2 A formação dos sinais das gírias da comunidade surda de São Luís.....	48
6.2.1 Flexão de concordância	48
6.2.2 Flexão aspectual.....	49
6.2.3 Transferência de tamanho e de forma.....	49
6.2.4 Transferência de situação	50
6.2.5 Transferência de corpo	51
6.2.6 Transferência de vibração	51
6.2.7 Incorporação de negação	52
6.2.8 Metáfora equivalente na forma e no sentido.....	53
6.2.9 Derivação a partir do léxico não nativo na Libras	53
6.2.10 Composição por justaposição	54
6.2.11 Composição por aglutinação.....	55
6.3 O caso dos sinais não gíria e as questões de tradução.....	55
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE A – Tabela de análise dos sinais-gíria do site Maranhão em Sinais	62

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como objetivo compreender os processos morfológicos de formação de sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís. Realizou-se a análise do banco de dados do site Maranhão em Sinais, dentro da categoria semântica selecionada, e elencaram-se, sinal a sinal, os processos que os formam. Esse relatório fornece um panorama dos estudos em morfologia da Língua de Sinais (LS) os quais foram utilizados e como podem ser apoiados por meio da análise dos sinais de gírias no site.

A temática surgiu por meio de pesquisas dos sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda ludovicense que foram coletados pelo grupo de pesquisas responsável pelo site. Dentro do grupo, houve o interesse pela pesquisa do campo semântico das gírias, visto que, no curso de Letras-Libras, as questões culturais e identitárias dos surdos já eram interessantes para serem estudadas. Dessa forma, o vínculo ao campo de estudos já tinha interface com a temática: processos de formação de sinais. Com os sinais das gírias coletadas, aflorou-se este estudo que foi minuciosamente transformado no presente trabalho. Elegeu-se também, como motivação para que esse estudo se firmasse, a escassez de informações acerca da referida abordagem pelo viés da morfologia.

Assim, esta investigação se propõe na posição de vir a contribuir e, ao mesmo tempo, ampliar as discussões e os estudos sobre os processos morfológicos que podem ser observados nos constituintes da Língua Brasileira de Sinais (Libras), de forma regionalizada, pois o objeto em análise diz sobre as maneiras identitárias locais de expressar tal língua. Entende-se também que tal investigação se coloca como uma proposta para a elucidação e a ampliação das discussões sobre os processos de formação de novos sinais que concorrem à anexação ao léxico da Libras, aqui em especial, tendo como recorte local, a cidade de São Luís - MA.

Neste sentido, é apresentada esta investigação que teve como pergunta de pesquisa: Quais processos morfológicos podem ser observados nas gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís?

As gírias, como fenômeno linguístico, sócio-histórico e político, costumam ser utilizadas em contextos informais e carregam valores culturais das comunidades. Assim, estudar essas manifestações *in locus*, em que se situa essa pesquisa, pode nos evidenciar facetas do aspecto estrutural dos sinais correspondendo ao recorte temático elegido, a saber, um enfoque sobre os

processos morfológicos que envolvem os sinais correspondentes às gírias em uso pela comunidade surda ludovicense. Por sua vez, conhecer tais aspectos, torna-se essencial para aqueles que adentram à comunidade surda e ao aprendizado da Libras, visto que esses elementos linguísticos fazem parte da comunicação cotidiana em língua.

A fim de se alcançar o objetivo de compreender os processos morfológicos de formação de sinais das gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís, planejou-se atingir os seguintes objetivos específicos: (i) analisar o banco de dados (site) de gírias da comunidade surda maranhense produzido pelo grupo Maranhão em Sinais; (ii) identificar os processos morfológicos nos sinais do referido banco; e, por último, (iii) classificar os processos morfológicos de formação de sinais-gírias da comunidade surda de São Luís.

Este trabalho está dividido em sete seções. Na primeira seção, equivalente à introdução, estão a delimitação do tema e a apresentação da estrutura do trabalho. Na segunda, terceira e quarta seções, discute-se o referencial teórico que se divide em uma abordagem sobre a língua, a sua morfologia e o fenômeno das gírias compreendido nas línguas orais e na Libras. Na quinta seção, apontam-se a metodologia e todos os procedimentos em que se deu esta pesquisa. Na sexta, discorre-se sobre a análise e a discussão dos dados desta pesquisa, apresentando a categorização dos sinais analisados nos respectivos processos morfológicos elencados no corpo do trabalho. Por fim, na conclusão, faz-se uma reflexão sobre os resultados desse estudo e os possíveis caminhos futuros para pesquisas desse objeto.

No capítulo seguinte, foi introduzida parte do referencial teórico que se dividiu em três partes: a primeira aborda a Libras sob os seus aspectos linguísticos que a asseguram como língua natural; a segunda, sobre os processos morfológicos da Libras; e a terceira, sobre as gírias em geral e, especificamente, na comunidade surda.

2 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: NATURALIDADE LINGUÍSTICA E RECONHECIMENTO LEGAL

Conforme Quadros e Silva (2023), por muitos anos, os linguistas se ocuparam em identificar o que é comum entre as línguas de sinais e as línguas vocais-auditivas. Nesse sentido, partia-se dos referenciais já existentes como parâmetro para analisar as LS e verificar a existência dos universais linguísticos¹ nestas línguas. Contudo, os autores observam que os parâmetros utilizados para as pesquisas em LS não faziam uma correspondência justa em virtude de a modalidade linguística² ser diferente das línguas em questão.

Os autores Quadros e Silva (2023) reforçam que esta linha investigativa se justificava, uma vez que, na década de 60, havia um movimento intenso no sentido de “provar” que as LS eram, de fato, línguas naturais visto atenderem a todos os universais linguísticos. Pesquisas demonstraram que as LS apresentam traços comuns aos aspectos linguísticos identificados nas línguas faladas em termos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, identificando, assim, uma gramática cujas propriedades linguísticas se aplicam tanto às línguas de sinais como às línguas vocais-auditivas, independentemente das modalidades.

A exemplo, William Stokoe (1960), considerado o grande precursor das pesquisas com teor científico das LS, apresentou a primeira análise linguística da ASL (American Sign Language) com evidências de que um sinal era resultado de combinações de unidades menores: a configuração da mão (a forma das mãos ao fazer um sinal), o ponto de articulação (o local onde o sinal é executado) dessas configurações e o movimento. Stokoe apresenta uma análise com base na simultaneidade, ou seja, as unidades mínimas são combinadas simultaneamente para manifestar o sinal. (Quadros; Silva, 2023). A simultaneidade é um dos paradigmas que servirá de marco para entender os processos morfológicos dos quais essa pesquisa discute, que, ao contrário das línguas orais, que têm seu sintagma sequencial encadeado, como aponta Saussure (2006), além disso, as LS obtêm este traço de singularidade a partir da simultaneidade.

O final da década de 80 no Brasil foi considerado a época em que se iniciaram investigações com o intuito de identificar não apenas o que era “igual”, mas também o que era “diferente” com o objetivo de enriquecer as teorias linguísticas atuais (Quadros; Silva, 2023, p. 29). Lucinda Ferreira Brito, com pesquisas datadas de 1986 e de forma pioneira aqui no Brasil,

¹ Características que são compartilhadas por todas as línguas naturais (Quadros; Kamopp, 2004).

² Forma de manifestação externa dos componentes fonético-fonológicos de uma língua, a Libras é de modalidade gestual-visual, a LP, de modalidade vocal-auditiva (Rodrigues, 2018).

pesquisou não somente a Libras como também a LS do povo indígena Urubu-Kaapor da região do Alto Tocantins e ainda, mais tarde, a publicação de Quadros e Karnopp (2004) com a descrição detalhada dos constituintes da Libras.

Os autores Quadros e Silva (2023) argumentam que:

a mudança, aparentemente sutil, abre novos caminhos investigativos no campo da Linguística, buscando explicações para o que é diferente entre estas modalidades de língua, inclusive com o exercício de olhar as línguas de sinais a partir delas mesmas enquanto línguas visuais-espaciais. (Quadros; Silva, 2023, p.29).

As descobertas no campo acadêmico implicaram pressões para a criação de políticas de reconhecimento legal das LS e valorização das comunidades que as utilizam. A Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras, foi uma conquista para a comunidade surda brasileira, expressando representativamente a força das manifestações em prol do reconhecimento do direito linguístico das pessoas surdas. Outro marco regulatório de política linguística para os surdos é o Decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou a lei supracitada.

De acordo com Gesser (2009), os usuários dessa língua podem discutir qualquer assunto, desde filosofia, política e literatura, até assuntos cotidianos, como também utilizá-la para contar e criar histórias, piadas, peças teatrais e outros. A Libras pode ser analisada a partir de níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Os falantes dessa língua a têm como uma língua de complexidades e expressividades, assim como as línguas vocais. Ademais, os surdos fluentes em LS se expressam com clareza e espontaneidade por meio das mãos e das expressões tanto faciais quanto corporais (Gesser, 2009).

Sobre a relação de intimidade do surdo para com esta apreensão de mundo atravessada pela visualidade perceptível da natureza linguística da Libras, Quadros (1997, p. 119) argumenta que:

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. As línguas de sinais envolvem movimentos, que podem parecer sem sentido para muitos, mas, que significam a possibilidade de organizar as ideias, estruturar o pensamento e manifestar o significado da vida para os surdos. Pensar sobre a surdez, requer penetrar no “mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais.” Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim, será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita.

Assim, a Libras é atualmente a segunda língua reconhecida legalmente no Brasil e é um campo de estudos científicos. O status proporcionado à língua por tais conquistas reflete na aceitação das pessoas surdas na comunidade brasileira em geral. Atualmente, no país, tanto

surdos como ouvintes podem desfrutar da aprendizagem desta língua que a cada dia ganha novos adeptos, pesquisadores, defensores e, sobretudo, usuários que clamam por sua existência e intrínseca relação de identidade.

3 MORFOLOGIA DA LIBRAS

Ao tratar desta seção, buscaram-se Quadros e Karnopp (2004), Aronoff, Meir e Sandler (2005, [n.p.]), Faria-Nascimento (2009; 2013), Xavier (2012), Santana (2013), Xavier e Neves (2016), Quadros (2019), Quadros *et al* (2023), entre outros autores que discutem sobre o que é a área dos estudos que compreende a morfologia desde seu conceito etimológico até as proposições discutidas nesta área. Ou seja, argumentam sobre os níveis linguísticos que a Libras possui, especificamente no que diz respeito ao nível morfológico.

Inicia-se a discussão sobre o conceito do termo “morfologia” que, em Língua Portuguesa (LP), “é proveniente da composição dos morfemas gregos *morphé*, que significa “forma”, e *logia*, que significa “estudo” (Klima; Bellugi, 1979 *apud* Quadros *et al*, 2023, p. 175-176). Dessa forma, o objeto de estudo dessa área são as conceituações em torno do que é morfema: “unidades mínimas de significação, constituídas de fonemas, unidades arbitrárias e sem significado” (Klima; Bellugi, 1979 *apud* Quadros *et al*, 2023, p. 175-176).

Segundo Santana (2013), a morfologia é parte da gramática em que se trata da estrutura interna de palavras simples e complexas. De maneira simplificada, nela estão contidos os estudos sobre a natureza estruturante das palavras. Na morfologia, as palavras são estruturas, ou seja, são formas analisáveis em unidades menores a que se dá o nome de constituintes morfológicos (Villalva, 2007, p. 15).

Conforme Faria-Nascimento (2013), nos estudos sobre as LS, a morfologia ampara-se nas definições encontradas nos estudos das línguas orais, embora o foco de análise dos fenômenos tenha-se ampliado em vários aspectos. Assim, a autora adverte: “a morfologia das línguas de sinais tem características específicas, as quais precisam ser descritas e analisadas a fim de que seja encontrada a morfologia que corresponde especificamente à LSB” (2013, p. 80). Segunda a autora, a base dos estudos morfológicos em LSB³ reside em “estudar a estrutura interna das “Unidades Lexicais Sinalizadas” (ULS), por meio da análise das formas dotadas de conteúdo, as quais compõem essas unidades, e também dos processos empregados na combinação dessas unidades.

Destarte, a morfologia da Libras é um ramo da Linguística que estuda a estrutura interna, a formação e a classificação dos sinais. A definição de Quadros e Karnopp (2004) retomou o status de língua natural da Libras e, assim, define morfologia como:

“Morfologia” é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 86).

Nesse sentido, é possível dizer, segundo as autoras, que, na Libras, há possibilidade factível de combinação dessas unidades mínimas com significado, que são os morfemas, para formar outros elementos significativos, resultando disso, inclusive, seu léxico. Porém, um traço distintivo importante de mencionar dessas línguas em relação às línguas orais é sobre os “tipos de processos combinatórios que, frequentemente, criam palavras morfologicamente complexas” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 87).

Para as línguas vocais-auditivas, como a LP, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz; mas, “nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização” (Quadros; Karnopp, 2004, p.87).

Na visão de Faria-Nascimento (2013, p. 84), pode-se observar como se manifesta concretamente a estrutura dos sinais, o que certamente se constitui como processo diferente em relação às línguas vocais-auditivas. Para a autora, elementos se ligam aos radicais dos sinais como afixos e, por conseguinte, produzem processos gramaticais, por exemplo, a “composição” e a “derivação” dos sinais.

Felipe (2006) afirma que os parâmetros da Libras, considerados como fonemas na literatura, também podem ser morfemas ou afixos:

[...] os parâmetros (configuração de mão, direcionalidade, ponto de articulação movimento, localização, expressões faciais e corporais), que também podem ser morfemas, compõem sistemas complexos de desinências que estabelecem tipos de flexão verbais: concordância para gênero, para pessoa do discurso e para locativo, ou são afixos que se justapõem à raiz verbal ou nominal. Portanto, em relação aos seus processos de formação de palavras, a Libras é uma língua flexional, embora tenha também características de língua aglutinante, que podem ser percebidas a partir da formação de sinais pelos processos de composição e incorporação. (Felipe, 2006, p. 200).

Em consonância com a autora, os cinco parâmetros podem expressar “morfemas” por meio de algumas configurações de mão, movimentos direcionados, alterações na frequência do movimento e pontos de articulação na estrutura morfológica. A autora ressalta que, com alguma

expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, por meio de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das LS.

Assim, compreende-se que os traços dos sinais podem constituir morfemas, e que estes podem ocorrer tanto com os radicais do sinal ou quanto com o aspecto do sinal que sofrerá alteração. Com base nisso, Faria-Nascimento (2013, p. 83) discorreu sobre a descrição de morfemas livres (“quando ocorrem isolados”) e morfemas presos (“quando não podem ocorrer isolados”), advertindo que estes dois morfemas são analisados e definidos na relação de ligação com outros morfemas.

Adiante, cita-se a definição de morfemas livres, conforme, Quadros *et al* (2023):

Morfemas livres: são morfemas independentes, constituídos de unidades lexicais sinalizadas consolidadas na Língua de Sinais, as quais podem ser consideradas como unidades primeiras/primitivas, que servem de base ou complemento especificador na construção de novas unidades lexicais e terminológicas, sinalizadas, como em CASA e LÍNGUA-DE-SINAIS. (Quadros *et al*, 2023, p. 185).

Observam-se, abaixo, os exemplos de morfemas livres citados pela autora acima:

Figura 1: CASA, morfema livre



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p.185)

Figura 2: LÍNGUA-DE-SINAIS, morfema livre



Fonte: Quadros *et al.* (2023, p.185)

Segundo Capovilla *et al* (2015), a expressão facial contraída e o movimento de negação da cabeça podem ser morfemas de NEGAÇÃO – AUSÊNCIA (sem, nada, não). E, este morfema de NEGAÇÃO pode ser também considerado morfema livre, como o sinal NÃO SABER.

Observa-se, a seguir, a definição de morfemas presos, conforme Quadros *et al* (2023):

Morfemas presos: são morfemas dependentes; sozinhos não se constituem como estruturas autônomas; associam-se a pelo menos um outro morfema para constituir outro sinal, uma unidade lexical ou terminológica sinalizada livre. Assim, morfemas presos são unidades dependentes de outras. Grosso modo, pode-se dizer que morfemas presos funcionam como afixos, sejam eles sufixos, infixos etc. (Quadros *et al*, 2023, p. 185).

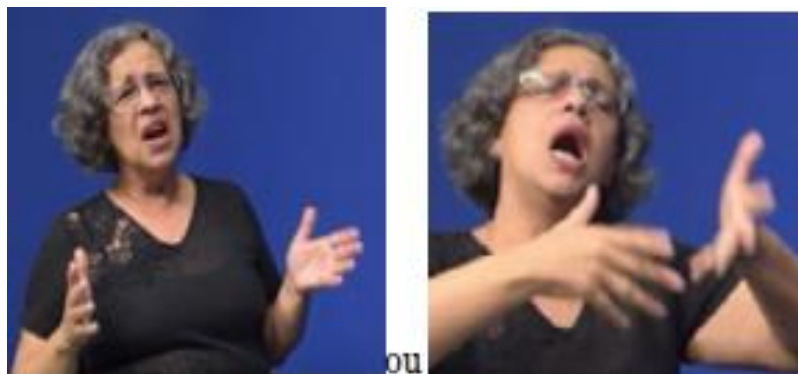
Os exemplos abaixo mostram “os morfemas presos incorporados ao morfema base LÍNGUA-DE-SINAIS. Dele derivam as construções morfológicas” conforme Quadros *et al* (2023, p.185).

Figura 3: LÍNGUA-DE-SINAIS^INFERIOR (morfema boca, morfema preso)



Fonte: Quadros *et al*. (2023, p.186)

Figura 4: LÍNGUA-DE-SINAIS^FÁCIL (morfema boca, morfema preso)



Fonte: Quadros *et al*. (2023, p.186)

Nos exemplos acima das Figuras 3 e 4, os sinais LÍNGUA-DE-SINAIS são morfemas livres; já INFERIOR e FÁCIL, representados como morfema boca, são os “morfemas presos”, dependentes, que precisam estar ligados aos morfemas livres para a sua significação.

Com a observação dos fatos acima apresentados, Aronoff, Meir e Sandler (2005) concluem que há dois tipos de estruturas morfológicas que se diferem nas línguas de sinais: sequencial e simultânea. Apesar de a morfologia sequencial se manifestar de forma majoritária nas línguas vocais-auditivas, os autores apontam que é possível observar essa estrutura nas LS, respeitando as limitações modais.

Além de os processos simultâneos serem completamente produtivos em questões como a concordância verbal por exemplo, ainda precisam ser minuciosamente verificados. Os estudos de Aronoff, Meir e Sandler (2005) mostraram que a morfologia simultânea, em grande parte, é flexional, e a morfologia sequencial é derivacional. A seguir, elencam-se os processos morfológicos que podem ser observados em cada tipo de estrutura morfológica das línguas sinalizadas, com exemplos em Libras.

3.1 Morfologia simultânea

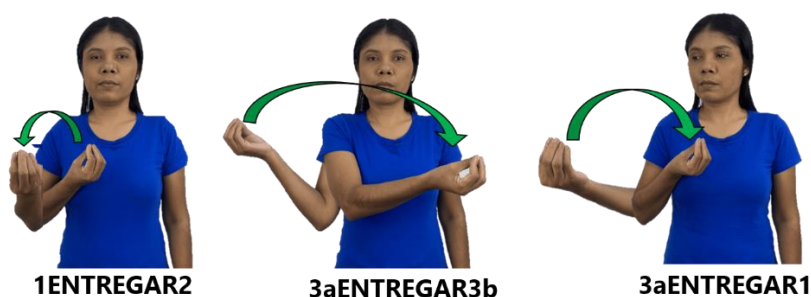
Aronoff, Meir e Sandler (2005) pontuam que a morfologia simultânea é, antes de tudo, flexional e que tem, como base constituidora, a própria modalidade de sua transmissão, ou seja, visual-espacial, dando evidência para sua característica com base na iconicidade. Ela consiste na “superposição da estrutura morfológica da unidade canônica locação – movimento – locação. Assim, um movimento se sobrepõe ao movimento existente determinando a flexão morfológica” (Quadros, 2019, p. 73).

Quadros (2019) afirma que os aspectos gramaticais são percebidos alterando a direção de movimentos, ritmo ou forma do percurso do sinal. Esse tipo de flexão é observado nos verbos de concordância, assim como na marcação de número, substantivos e classificadores. Citam-se, a seguir, a flexão de concordância, a flexão aspectual e a flexão número em Libras.

3.1.1 Flexão de concordância

Na flexão de concordância, apresenta-se o verbo ENTREGAR. Este flexiona em pessoa, número e aspecto. Na Figura 5 acima, o mesmo verbo aparece flexionado em 3 conjugações, que são marcadas pelo movimento da mão em direção a diferentes locações no espaço. Essas locações representam mentalmente as pessoas do discurso. Assim, uma locação próxima do sinalizante indica a primeira pessoa, e as locações em lugares distribuídos ao redor do sinalizante indicam a segunda e a terceira pessoa ou pessoas.

Figura 5: Flexão de concordância no verbo ENTREGAR



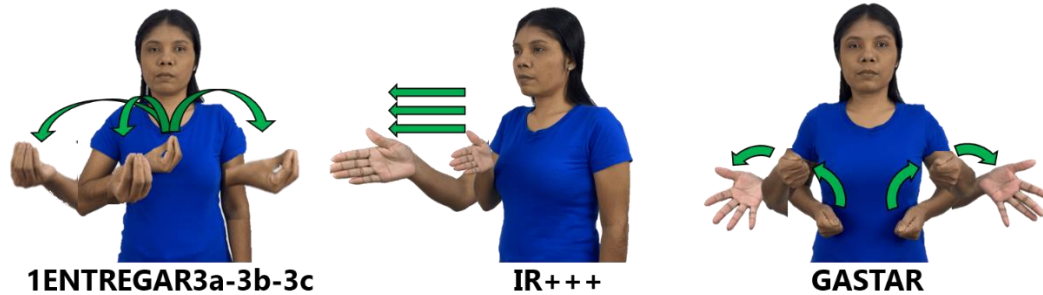
Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

Na Figura 5, por exemplo, o verbo 1ENTREGAR2 indica a primeira pessoa, como agente da ativa, e a segunda pessoa, como agente da passiva, que, em português, pode ser traduzido por: “eu entrego a você”. A mesma lógica é seguida em 3aENTREGAR3b e 3aENTREGAR1 indicando a relação verbal entre a terceira e a terceira pessoa como também entre a terceira e a primeira pessoa, respectivamente.

3.1.2 Flexão aspectual

No exemplo acima de flexão aspectual, os três verbos flexionados sofrem a alteração na frequência do movimento para demonstrar o aspecto de modo na ação verbal em cada um. Na Figura 6, o verbo 1ENTREGAR3a-3b-3c ganha várias direções diferentes na sua representação. Esse direcionamento das direções indica o aspecto do verbo que é distributivo, isto é, um agente a executa para vários outros agentes.

Figura 6: Flexão aspectual nos sinais ENTREGAR, IR e GASTAR



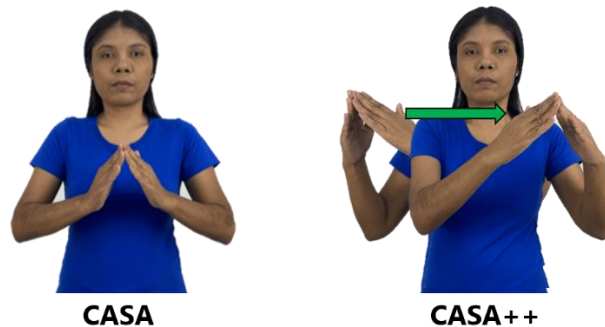
Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

Já o verbo **IRb+++** possui marcações de repetição do movimento em uma mesma direção, indicado na imagem por três setas e, na glosa, pelos grafemas “+++”; essa repetição maior indica a frequência da ação verbal. E o verbo **GASTAR** é representado com as duas mãos, acrescentando-se o aspecto de intensidade.

3.1.3 Flexão de número

Na flexão de número, a flexão de plural com repetição de sinais é mostrada na Figura 7. A partir da repetição do sinal **CASA**, faz-se o plural deste referente e isso acontece em lugares diferentes.

Figura 7: Flexão de plural no sinal CASA



Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

Conforme Quadros (2019), o objetivo de ilustrar por meio dos exemplos mencionados nos itens acima – flexões de concordância, aspectual e de número –, de fato, há a sobreposição de estruturas; principalmente, em se tratando do movimento do sinal e da sua locação para demonstrar a flexão morfológica. Para a autora, em todos os casos, um movimento específico foi sobreposto para determinar as marcações de concordância, aspecto ou número, uma vez que

“Esses tipos de flexões são observados em várias línguas de sinais” (Quadros, 2019, p.73). A seguir, elencam-se as transferências.

3.1.4 Transferências

Ainda sob a visão da morfologia simultânea, apresentam-se as transferências⁴, que são uma categoria “polimorfêmica” na Libras, como afirma Quadros (2019, p. 74), e a produtora de muitos outros processos na Libras; não se aprofundará, contudo, nas explicações desta categoria, visto que o objetivo desse capítulo é fornecer um panorama geral da morfologia da Libras.

Conforme Cuxac e Sallandre (2007, p.15), “estas operações são performadas na linguagem por estruturas para as quais manteve-se o termo "transferência", como um lembrete de que eles são o resultado da intenção deliberada de mostrar.” Conforme os autores, foram identificados três tipos de transferências básicas: transferência de tamanho e forma, transferência de situação e transferência de corpo. Detalha-se a seguir cada uma delas. Em seguida, apresenta-se a transferência de vibração citado por Bruno Ramos e Natália Rigo.

3.1.4.1 Transferência de tamanho e de forma

Na estrutura de transferência, conforme Cuxac e Sallandre (2007), são utilizados constituintes para representar o tamanho parcial ou total e/ou a forma de objetos, lugares ou personagens. Observam-se os exemplos, a seguir, da transferência de tamanho e de forma a partir de uma produção:

⁴ Transferências é o termo utilizado por autores franceses, principalmente Cuxac (2005; 2007) para explicar as estruturas morfológicas de grande iconicidade presentes nas LS, e que podem ser estudadas sob o viés dos verbos classificadores.

Figura 8: Transferência de tamanho e de forma: tronco de árvore. Início – meio - fim



Fonte: Cuxac e Marie-Anne Sallandre (2007, p.16)

Nos exemplos ilustrados acima (Figura 8), conforme Cuxac e Sallandre (2007), as bochechas infladas do sinalizante mostram que é um grande tronco de árvore, e as mãos indicam as formas, o início (a base), o meio e o fim (o topo) do tronco.

3.1.4.2 Transferência de situação

Conforme Cuxac e Sallandre (2007, p.17), nesta estrutura, “o sinalizante usa o espaço à sua frente para reproduzir iconicamente as cenas representando o movimento espacial de um agente em relação a um locativo estável funcionando como ponto de referência”. É o que se percebe nos exemplos a seguir:

Figura 9: Transferência de situação



Fonte: Cuxac; Sallandre (2007, p.18)

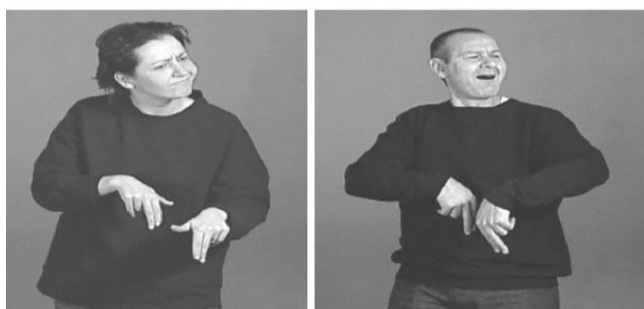
Na Figura 9, observam-se os dois sinalizantes que usam a mesma estrutura de transferência de situação, para mostrar um cavalo saltando por cima de uma cerca. Os autores descrevem a figura acima da seguinte forma: “A mão não dominante representa o locativo estável ponto de referência [a cerca], enquanto a mão dominante retrata o agente “cavalo”, em uma

proforma ['5'] ou 'V' para representar as patas dianteiras do animal. A expressão e o olhar são os do agente “cavalo” (Cuxac; Sallandre, 2007, p.18).

3.1.4.3 Transferência de corpo

Conforme Cuxac e Sallandre (2007, p.18).), “essas estruturas envolvem todo o corpo do sinalizante para reproduzir uma ou mais ações realizadas ou sustentadas por um agente no curso do enunciado”. Os agentes são geralmente humanos ou animais, mas também podem ser inanimados. “A mudança do corpo e o rosto do sinalizante, a natureza e a direção do seu olhar; o olhar e a expressão facial representam os do personagem transferido” (Cuxac; Sallandre, 2007, p.18).

Figura 10: Transferência de corpo



Fonte: Cuxac; Sallandre (2007, p.19)

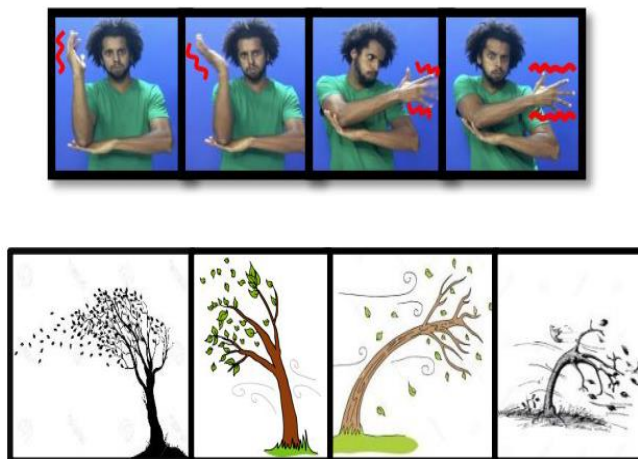
Nos exemplos acima (Figura 10), os dois sinalizantes fazem a mesma transferência de corpo (TP) para mostrar ‘o cavalo parado’. Essas sinalizações representam o agente "cavalo" em uma parada e as expressões faciais indicando “perplexidade (foto da esquerda) ou surpresa (foto da direita)” (Cuxac; Sallandre, 2007, p.18). Percebe-se que os sinalizantes utilizam todo o corpo para representar o cavalo, seus braços passam a ser as pernas do agente, e as suas mãos passam a ser as patas do animal. A face do sinalizante e suas expressões complementam o sentimento do animal, incorporando o referente.

3.1.4.4 Transferência de vibração

Conforme Bruno Ramos e Natália Rigo, a transferência de vibração possibilita “a percepção dos sentidos, considerando além da visualidade dos surdos, também a cultura de vibração a partir do elemento som que vibra por meio do barulho, da música e dos sons diversos, e

o surdo o percebe de forma sinestésica” (Ramos; Rigo, 2018, p.224). Observa-se o exemplo a seguir:

Figura 11: Comparação de transferência de vibração



Fonte: Ramos e Rigo (2018, p.228)

Nas imagens acima, o sinalizante executa os sinais (sinal ÁRVORE) com base nas demonstrações das imagens dos ramos das árvores, e os troncos parecem estar em movimento (o balançar das árvores) por meio de fortes ventos, conseqüentemente, produzindo sons (onomatopeia). Os movimentos e os sons, representados nas sinalizações, dão ideia de vibrações. Conforme os autores, esta transferência se deu a partir da Vibração Contínua, que se refere “um tipo de representação vibracional sequencial e contínua”, ou seja, naturalmente mais longo e duradouro durante a sinalização (Ramos; Rigo, 2018, p.228).

3.1.5 Incorporação da negação

Como outro processo morfológico simultâneo, “a negação pode ser incorporada ao sinal por meio da inclusão do morfema de movimento de afastamento do corpo” (Quadros, 2019, p.88). Observam-se os exemplos abaixo:

Figura 12: Incorporação da negação nos sinais QUERER-NÃO, SABER-NÃO e GOSTAR-NÃO



Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

Na Figura 12, o verbo QUERER-NÃO é realizado com movimento contrário ao sinal QUERER. Na afirmação, o sinal tem movimento com direção ao tronco do sinalizante, enquanto que, na negação, o movimento é realizado na direção contrária, afastando a mão do tronco de quem sinaliza. No mesmo sentido, os verbos SABER-NÃO, e GOSTAR-NÃO possuem movimento em direção contrária. É a alteração do movimento que constitui o morfema de negação desses sinais.

3.1.6 Metáfora equivalente na forma e no sentido

Conforme Faria (2006, p. 181), as metáforas têm base cognitiva e, por isso, não são assuntos da língua, mas do pensamento ou da ação. Segundo um exemplo citado pela autora, CABEÇA-DURA é uma metáfora equivalente na forma e no sentido que pode ser item e/ou fraseologismo da LSB em contraste com o item e/ou fraseologismo da LP. (Faria, 2006, p.188).

Figura 13: Sinal CABEÇA^DURA



Fonte: Faria (2006, p.188)

Nas imagens acima, a sinalizante inicia a sinalização com a mão configurada na pálpebra direita, em seguida, com a mão dominante ainda configurada batendo no dorso da mão passiva, fazendo a excursão do sinal CABEÇA-DURA que metaforicamente pode significar na LP uma pessoa ignorante e infantil.

3.1.7 Incorporação do numeral

A autora Quadros (2019, p.88) argumenta nos seus estudos da morfologia que “a incorporação de números às unidades lexicais também acontece de forma produtiva. Os números 1, 2, 3 e 4 podem ser incorporados a alguns sinais associados à quantidade ou ao tempo, como HORA e MÊS.” Observa-se nos exemplos abaixo:

Figura 14: Incorporação de numeral nos sinais de HORA e MÊS



Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

A configuração de mão para HORAS e MESES, como mostra na Figura 14 acima, pode ser mudada de um até quatro, e, a partir do número cinco, o sinal pode ser executado separadamente, tanto para HORAS quanto para MESES. Como se observa nos exemplos acima, o sinal de HORAS é articulado na frente do rosto em movimento circular, com mudança da configuração de mão para DUAS-HORAS, TRÊS-HORAS e QUATRO-HORAS. O mesmo é notado para os sinais de UM-MÊS, DOIS-MESES, TRÊS-MESES e QUATRO-MESES, que obtiveram mudanças de configuração de mão em sequência. Estes sinais são articulados no espaço neutro em frente ao corpo. A configuração de mão é, dessa forma, o morfema que acrescenta ao sinal a ideia do numeral.

3.2 Morfologia sequencial

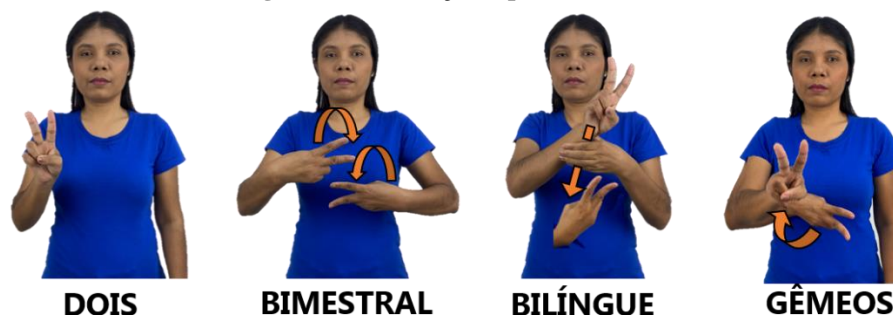
A morfologia sequencial em Libras é, sobretudo, “derivacional”. Quadros (2019, p. 73) comenta que – com base em Aronoff, Meir e Sandler (2005) – “adicionam-se elementos que se ligam concatenadamente aos sinais como afixos, resultando em processos de gramaticalização dessas línguas”. Assim, diferente dos morfemas que se juntam simultaneamente, provocando processos de flexão, esse tipo de produção morfológica permite a identificação mais claras dos morfemas.

3.2.1 Derivação na Libras

Xavier e Neves (2016, p. 141) definem a derivação da seguinte forma: “consiste na alteração da forma de um sinal já existente para designar um novo conceito (relacionado, mas) diferente do expresso pelo sinal original”. Esse processo, dizem os autores, “se cria um novo sinal.”

Corroborando com essa ideia, Quadros *et al* (2023) argumenta que esse processo de derivação consiste na formação de novas palavras (sinais) a partir de uma palavra já existente, de uma base. Nota-se, a seguir, a “derivação” a partir do morfema livre ‘DOIS’ identificado por Faria-Nascimento (2013):

Figura 15: Derivação a partir do morfema DOIS



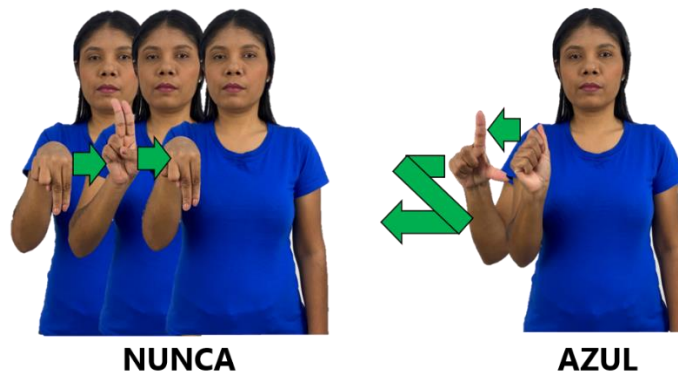
Fonte: Autora, com base em Quadros (2019)

Observa-se, na Figura 15, que, a partir do morfema livre ‘DOIS’, derivam-se os sinais BIMESTRAL, BILÍNGUE e GÊMEOS. O sinal BIMESTRAL articula o morfema em frente ao corpo, duplicando-o em cada mão e com um movimento semicircular horizontal para frente, realizado concomitantemente pelos dois membros; no sinal BILÍNGUE, o mesmo morfema livre é articulado em relação à mão oposta configurada em C, por dentro da qual passa em movimento retilíneo para baixo, ao mesmo tempo em que o antebraço realiza uma torção; e, no sinal GÊMEOS, articula-se com uma mão no espaço neutro em frente ao ventre com movimento para baixo (mesmo movimento do sinal NASCER). Os três sinais derivados carregam o peso semântico de dois, dupla e par, demonstrado pelo morfema DOIS, que é também o radical desses sinais.

3.2.1.1 Derivação a partir do léxico não nativo na Libras

Conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 88), “o léxico não nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente”. Assim, em consonância com as autoras, palavras do português, como AZUL e NUNCA, podem ser emprestadas a Libras, gerando sinais soletrados ou sinais que derivam a partir de léxico não-nativo. Considere-se esse processo morfológico nos sinais AZUL e NUNCA abaixo:

Figura 16: Derivação a partir de léxico não nativo nos sinais NUNCA e AZUL



Fonte: Autora, com base em Quadros e Karnopp (2004)

Como nota-se, acima, o sinal AZUL é a representação das letras A e L em Libras. Júnior (2014) aponta que este sinal sofreu variação histórica que partiu da soletração total da palavra A-Z-U-L, até o uso de somente duas letras, A-L, e, ainda em uma nova forma, somente com a abertura e o fechamento dos dedos indicador e polegar da mão. Apesar dessa mudança histórica, pode-se perceber que a derivação do sinal parte do léxico não-nativo. Já o caso de NUNCA, que, na figura, aparece com somente as letras N-U-N, Capovilla (2001) registrou diversos usos do sinal os quais também incluem as letras faltantes aqui, C-A, mas, com o acréscimo do sentido, passa a significar NUNCA-MAIS. Também nesse caso, o fato não anula a presença do processo morfológico de derivação.

3.2.2 Composição na Libras

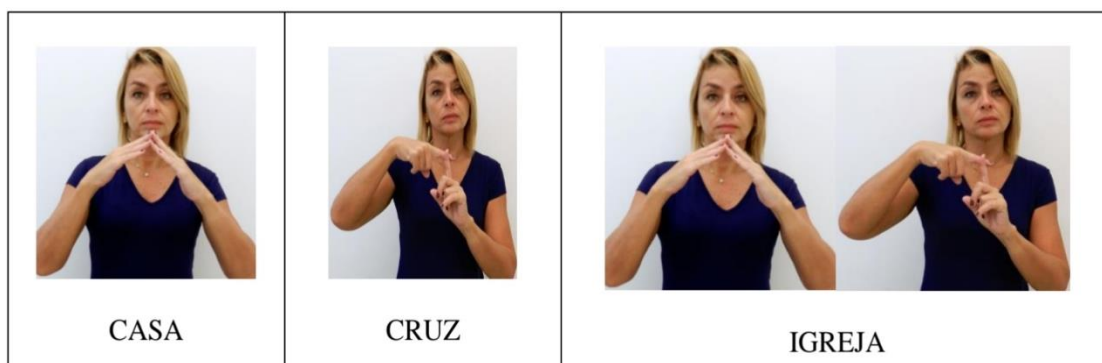
“A composição é um processo morfológico que combina sinais/radicais (morfemas livres) para formar novo item morfológicamente complexo” (Bal-El *apud* Quadros *et al*, 2023, p.196). Quadros *et al* (2023) dizem que a composição é um dos processos de formação de palavras mais conhecidos, produtivos e comuns em Libras. Definindo de maneira pragmática, a composição se realiza “por duas ou mais unidades justapostas, sintática e semanticamente identificadas como unidades simples, sinais ou itens lexicais sinalizados” (Quadros *et al*, 2023, p.199). Nesse caso, os morfemas são raízes, distinguindo-as a composição da afixação, e também participam, preponderantemente, da formação de compostos.

A composição na Libras pode ser dividida em composição por justaposição e composição por aglutinação.

3.2.2.1 Composição por justaposição

A justaposição acontece quando dois sinais são realizados um após o outro, na sua totalidade. Ao somar os seus significados, geram um novo sentido, e, assim, essa junção representa o surgimento de um terceiro sinal (Quadros *et al*, 2023). Os autores Xavier e Neves (2016) apresentam em seu estudo o sinal de IGREJA como um exemplo de justaposição, conforme é mostrado a seguir:

Figura 17: Sinal IGREJA, composto por CASA e CRUZ



Fonte: Xavier e Neves (2016, p.146)

Os sinais CASA e CRUZ, conforme a Figura 17, permaneceram a sua origem, sem perdas de constituintes, formando o terceiro item lexical: o sinal composto IGREJA, formado por justaposição.

3.2.2.2 Composição por aglutinação

Assim como na composição por justaposição, esse processo envolve a junção de dois sinais para a geração de um terceiro sinal composto. Mas, nesse caso, os sinais que se juntam e que também são morfemas livres e radicais, sofrem uma alteração dos sinais componentes no sentido de reduzir ou suprimir parte deles (Quadros *et al*, 2023). Considere-se, por exemplo, o sinal LETRAS-LIBRAS apresentado abaixo:

Figura 18: Aglutinação dos sinais LETRAS e LIBRAS para formar o sinal LETRAS-LIBRAS



Fonte: (Quadros *et al*, 2023, p.203)

Na Figura 18, notam-se os sinais, LETRAS e LIBRAS, que são as duas partes unidas para formarem o sinal LETRAS-LIBRAS. Cada um desses radicais é composto pelo uso de duas mãos. Em LETRAS, as duas mãos em L, em que o dedo indicador de uma das mãos toca o dorso do polegar da outra mão. Em LIBRAS, as duas mãos espalmadas e simétricas. No sinal LETRAS LIBRAS, uma das mãos de cada sinal se apaga, configurando uma redução morfológica de cada sinal, na formação do terceiro item. Por isso, o sinal composto LETRAS - LIBRAS é formado por aglutinação.

Nesta seção, apresentou-se a morfologia na Libras com exemplos de seus processos morfológicos por meio das morfologias (sequencial e simultânea) e dos processos que as caracterizam, e ainda se discorreu sobre os processos de composição e derivação na Libras que originam sinais e dão base para estruturas produtivas nesta língua. Na seção seguinte, serão explorados o conceito de gíria, bem como os seus processos de criação na Libras.

4. GÍRIAS: AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE ESTE FENÔMENO LINGÜÍSTICO

Ressalta-se que esta discussão é inicialmente verificada e analisada nas línguas orais, nesse caso, a LP. Discutem-se os conceitos acolhidos sobre gíria como um fenômeno sociolinguístico a partir de Preti (1984; 2000); em Silva (2008), a historicidade da gíria bem como as implicações sociais envolvidas com essa temática.

Inicia-se este tópico com duas definições da palavra gíria nos dicionários da LP. A primeira definição do termo é o “Vocabulário informal e peculiar de um grupo social” (Houaiss, 2010, p. 389). Já na segunda definição, a gíria é definida como a “Linguagem usada por malandros e outras pessoas de hábitos duvidosos” (Ciranda Cultural, 2015, p.255). Ao longo da discussão, serão tecidos comentários acerca das duas concepções implícitas nas definições acima e apresentadas pelos dois dicionários.

Traz-se à discussão, Preti (1984), para quem as gírias são como marcas (ou signos) que surgem com significados que, apesar de secreto no princípio, acabam por caracterizar grupos sociais restritos e tornam-se exclusivas de tais comunidades. Por esta definição, o autor deixa sobressair os aspectos sócio-políticos de organização e a identidade de grupos marcados por peculiaridades e, por que não, de alteridades. O autor salienta que a gíria servirá como elemento identificador, em função do crescimento do sentimento de união e pertencimento que liga membros desses grupos, diferenciando-os na sociedade e servindo como uma forma ideal de comunicação e de autoafirmação.

Segundo Preti (2000, p. 63), a gíria “se refere a um fenômeno tipicamente sociolinguístico” e que pode ser estudado sob duas perspectivas: gíria de grupo e gíria comum. Na primeira perspectiva, envolve vocabulário de grupos restritos no qual inclui os grupos jovens ligados à dança, à música, a diversões, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, dentre outros.” Já na gíria comum, o autor destaca o “fenômeno da vulgarização das gírias” que ocorre quando essas gírias saem somente das trocas entre os membros de grupos específicos e se tornam parte do vocabulário conhecido por muitos usuários da língua, “perdendo sua identidade inicial” (Preti, 2000, p. 65-66).

Silva (2008) vem afirmar que:

A sociedade vê a gíria como uma variante de baixo prestígio, pois está ligada a linguagem do jovem inconsequente, das pessoas sem cultura, ou as gírias de grupo (cão) que está conectada a atividades marginais, o que para muitos surge como preconceito, no entanto quando essas gírias saem da extensão privada e se convertem na

linguagem pública, tornam-se uma linguagem comum e usada por todos. E para que esta continue sendo aceita, sem preconceitos, é importante que os usuários da linguagem, utilizem-na no âmbito correto. (Silva, 2008, p. 44).

Por esta reflexão acima da autora, há forte disputa social em se tratando das campanhas de marginalização para com o uso e a origem das gírias, o que dá indícios sociais de preconceito linguísticos, econômicos e de outras ordens. Isso está implícito na definição utilizada no início desta seção e mencionada no dicionário Ciranda Cultural (2015).

Ainda, a autora vem afirmar “que a gíria é uma transição da vida das palavras: sai do vocabulário comum, vai para a linguagem de grupo, depois se desgasta, volta para a linguagem comum ou desaparece” (Silva, 2008, p. 38).

A ‘gíria’ nem sempre recebeu estudo específico, pois faz parte da modalidade oral (informal), já que muitos estudiosos tendem a valorizar mais a modalidade escrita padrão. Até mesmo nos dicionários, não há uma forma única de conceituar gíria, segundo Silva (2008), e também como se constata nas definições dos dicionários no início deste tópico.

A gíria como uma linguagem “informal” possivelmente continuará em uso frequente no léxico comum da população em geral e, certamente, entrará em concorrência com a variedade culta da língua prestigiada de um país.

Com base nesta explanação e análise dos autores anteriormente selecionados na LP, a seguir, verificam-se a discussão proposta e os funcionamentos dessas ocorrências em Libras, por meio dos autores Cruz (2020) e Silva (2015) que tratam sobre o processo de criação e o uso de gírias em grupo de surdos com suas implicações para com a estrutura dos sinais e os contextos de uso.

4.1 Gíria e Língua Brasileira de Sinais

Na Libras, os processos que envolvem a criação dos sinais, correspondentes às gírias nos contextos de uso, foram observados por Cruz (2020), que ressalta algumas peculiaridades desse fenômeno. A primeira delas é a maneira como os surdos usuários da Libras se organizam para usá-las em grupo que concorda com a discussão proposta por Preti (1984; 2000) e Silva (2008), ao definir as gírias de grupos. Esse uso grupal das gírias em Libras obedece a alguns critérios segundo o autor, a saber: “o caráter sigiloso, de proteção e o fato de não serem dicionarizados” (Cruz, 2020, p.110). O autor destaca ainda que o estudo deste fenômeno na Libras também se torna uma estratégia interessante para se compreender a diversidade existente dentro da diferença surda (Cruz, 2020, p. 37).

Para sua pesquisa, Cruz (2020) utilizou o Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Libras (Capovilla, 2009) e o dicionário do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (Lira; Souza, 2006) para fazer um comparativo entre as variantes lexicalizadas ditas como “norma-padrão” da Libras, em virtude de as gírias surgirem como possibilidades alternativas de comunicação, e, portanto, não havendo critérios mais formais de uso como salientado acima.

No que diz respeito à estrutura dos sinais-gírias, as regras de criação e uso são apontadas pelo autor em questão como independentes das línguas orais, especialmente, da LP, mais proximidade de interação de usuários desta língua para com os usuários da Libras.

Na visão de Cruz (2020), há uma outra característica atrelada à ocorrência do uso das gírias quando estas se tornam um recurso importante para expressar crítica, ironia, desprezo e humor. Dessa forma, as gírias têm uma relação com a visão de mundo do falante o qual traduz, de alguma forma, o mundo em que vive. Nesse processo, as gírias são atitudes por meio de críticas de representação do mundo e também são consideradas como um dos instrumentos de resistência.

Segundo o autor, os sinais-gírias representam uma forma de resistência cultural para com as representações, que expressam situações opressoras para os surdos usuários da Libras, principalmente em se tratando da relação conflituosa com o universo proposto pelos ouvintes. O autor reflete que os surdos criam tais sinais com o objetivo de demonstrar resistências às opressões produzidas pelos ouvintes com o uso dessas gírias. Sendo assim, estas relações se mostram como disputa de poder.

Conforme Silva (2015), o objetivo da pesquisa é mostrar, por meio da variedade de usuários surdos, as gírias e seus contextos de uso, acompanhando seus acontecimentos diários dando indicativos da vivacidade da Libras e suas transformações. Ele prioriza as expressões idiomáticas com suas metáforas e a variação dos sinais encontrados para as mesmas expressões. A gíria serve para ampliar a comunicação do surdo, englobando o nível linguístico da pragmática e, conseqüentemente, as novas percepções de uso, assim também as unidades constitutivas, a saber, o morfema-boca.

Por ser uma pesquisa precursora, Silva (2015) adverte o quão desafiador é falar de um objeto de estudo pouco ou minimamente explorado pelos vieses dos estudos da Linguística. O autor atribui hipóteses para a ocorrência do estado da arte ou do tratamento deste tema, refletindo as possíveis questões de natureza extralinguísticas que acabam influenciando as gírias em

Libras. Neste contexto, segundo o autor, “Talvez o desconhecimento, o desinteresse ou até mesmo o caráter efêmero do vocabulário gíria em LS⁵, tenham colaborado para tal indiferença desta tão rica e interessante língua do jovem povo surdo” (Silva, 2015, p.78). Por isso, “faz-se necessário observar e fazer registros dos seus linguajares, apesar de que a gíria infringe a norma culta da gramática” (Silva, 2015, p.78).

De acordo com Silva (2015), o intercâmbio cultural entre surdos e ouvintes ao reconhecer que há a forma de os surdos representarem as gírias utilizadas pelos ouvintes da maneira em que essas possam receber um toque surdo. O autor cita, como exemplos de gírias faladas, os termos OUXI e VIXE. Ainda segundo aponta o autor, existe a ocorrência de gírias sinalizadas com as diferentes regiões do país, e, em cada estado e cidade, onde há usuários da Libras, os sinais seguem as características locais e culturais de formação destes sinais (Silva, 2015). E assim, por meio das mudanças com o trânsito dos sinalizantes, a Libras vai se renovando e se atualizando às novas necessidades comunicativas.

⁵ Língua de sinais.

5. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada e que pode ser classificada como uma pesquisa descritiva, de acordo com seus objetivos. Prodanov e Freitas (2013, p.52) afirmam que esse tipo de estudo “procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos”. A abordagem seguida é qualitativa e quantitativa. O objeto de estudo, ou seja, as gírias que a comunidade surda de São Luís utiliza em seus contextos de interação, foram coletadas do site Maranhão em Sinais⁶. A pesquisa envolveu análise sistemática dos sinais no site sob o viés da morfologia.

Para a realização desse estudo, executaram-se as seguintes etapas:

- Seleção e estudo de autores, pesquisadores que discorreram sobre a morfologia das línguas de sinais e sobre gírias, principalmente em Libras;
- Desenvolvimento de instrumento de análise de dados e inserção dos dados no mesmo;
- Análise do banco de dados (site) de gírias da comunidade surda maranhense produzido pelo grupo de pesquisa Maranhão em Sinais;
- Identificação e classificação dos processos morfológicos nos sinais do referido banco;
- Identificação e discussão dos fatores que podem gerar melhorias no banco de dados ou futuros estudos nessa mesma temática.

5.1 Banco de dados da pesquisa

“Maranhão em Sinais” é o site que armazena um número significativo de sinais que são utilizados pela comunidade surda do Maranhão. Este site é o resultado do projeto intitulado “Os sinais maranhenses da Língua de Sinais Brasileira: contribuições para seu uso e difusão em ambientes digitais”.

O projeto é realizado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Departamento de Letras (DELER), situado no Centro de Ciências Humanas (CCH), e faz parte do Núcleo de Pesquisa de Ensino de Tecnologia Simbólica (NUPETS), na linha Ensino de Libras e Tecnologias.

⁶ Maranhão em sinais pelo endereço eletrônico: <https://portalpadrao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/girias>

Os pesquisadores e colaboradores do grupo de pesquisa coletam e gravam os sinais que são validados por surdos e, posteriormente, postados no site. São categorizadas diversos grupos de sinais, exemplificando aqui, os “sinais das gírias” que foram analisadas nesta pesquisa. Outras categorias de sinais são: Bairros de São Luís, Instituições Educacionais, Pontos Turísticos, e Municípios do Maranhão.

5.2 Instrumento de coleta de dados

A fim de auxiliar a análise do referido banco de dados, foi desenvolvido um instrumento que possibilitou inserir os dados presentes no site e as informações relativas ao nosso objetivo de pesquisa. O instrumento é uma tabela que contém as colunas apresentadas a seguir:

Quadro 1: Cabeçalho do instrumento de análise de dados

Nº	Verbetes	S/C	Link	Processo
-----------	-----------------	------------	-------------	-----------------

Fonte: Elaborado pela autora

Na primeira coluna “Nº”, foi atribuído um número a cada sinal do site; em “Verbetes”, e foram inseridos os nomes em LP atribuídos a cada gíria pela equipe de produção do site; em “S/C”, utilizou-se S para sinais simples, que possuem somente um radical, e C para os sinais com mais de um radical, ou seja, compostos; e, em “Link”, inseriram-se os endereços eletrônicos para cada sinal. A coluna final “Processo” é a que reflete melhor o que desejou-se apresentar no estudo. Nessa coluna, foram anotados os processos de formação observados em cada sinal e também os problemas que por ventura possam ter sido encontrados na tentativa de identificar e classificar processos de formação de um sinal de gíria específico.

No site Maranhão em Sinais, existem 72 sinais-gíria, mais 11 variantes, mais 2 sinais repetidos, totalizando 85 sinais-gíria; todos foram analisados. Identificaram-se os processos morfológicos com base no que foi discorrido sobre a morfologia simultânea e a morfologia sequencial, bem como os processos de composição e derivação formadores dos sinais-gíria. A análise foi feita por meio dos vídeos e das imagens dos sinais contidos no site, observando-se seus elementos mínimos com significado.

Para fins de apresentação do estudo, referem-se aos sinais por meio de glosas que seguiram a mesma nomenclatura dada no próprio site para cada sinal. Não se continua um mesmo esquema de transcrição de sinalização, visto que os sinais são estudados isoladamente.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Abaixo apresenta-se a análise dos resultados decorrentes do exame minucioso e da classificação dos sinais da categoria semântica de gírias, elencados no site Maranhão em Sinais. A análise se baseia nos teóricos apresentados neste trabalho referente à morfologia da Libras. Em alguns casos, buscaram-se ainda novas referências que pudessem explicar os processos de formação observados. A classificação dos processos levou em conta a teoria utilizada, na mesma sequência que é apresentada no Capítulo 3, a qual será retomada na apresentação abaixo, sempre que possível e necessário.

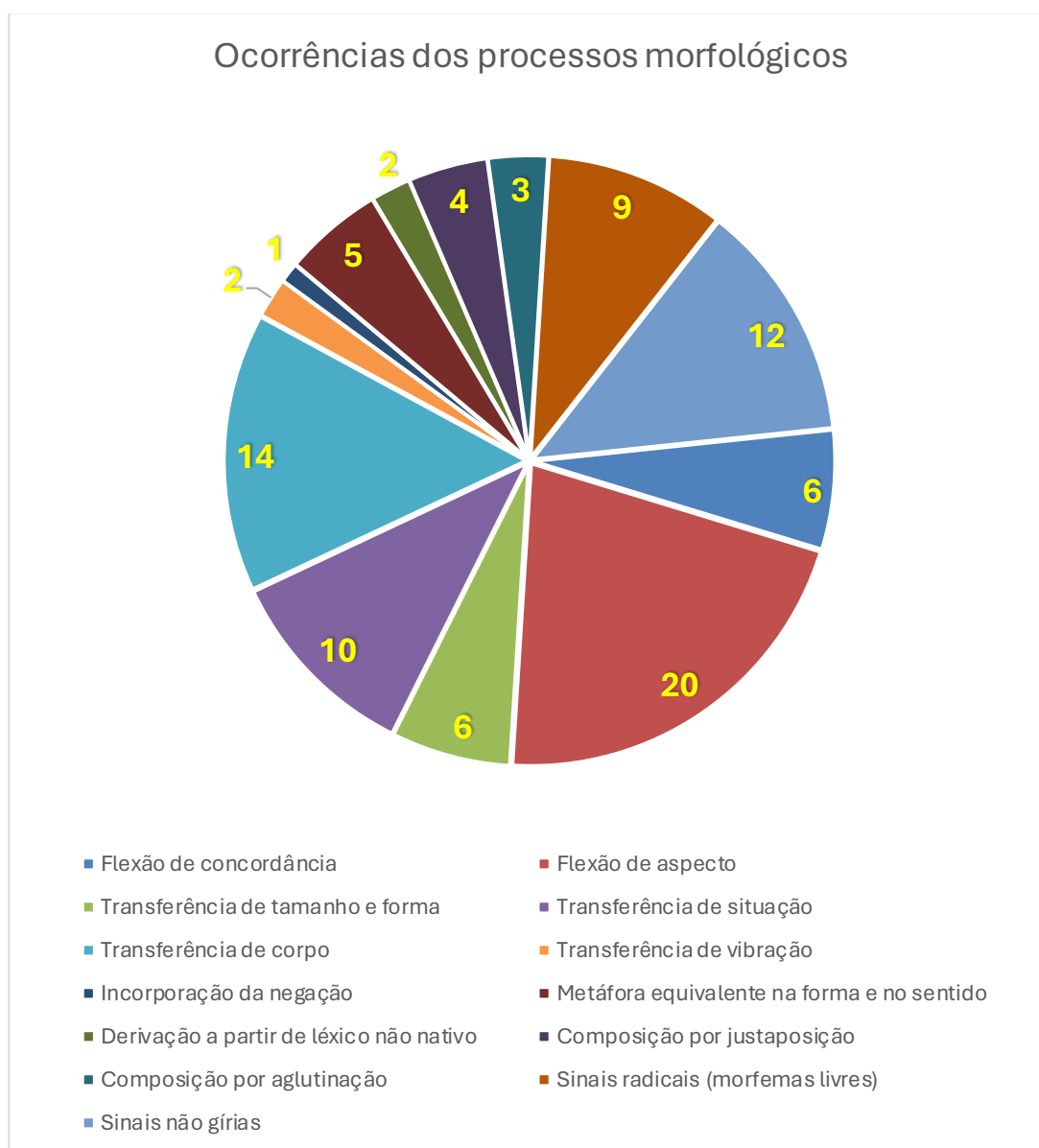
A análise se apresenta em três seções: a primeira é a análise quantitativa dos processos morfológicos de formação de sinais encontrados entre as gírias; a segunda é uma análise qualitativa, na qual escolheram-se exemplos dentre os sinais analisados que sejam representativos do processo identificado; a terceira é uma discussão sobre sinais, que não se encaixam na análise, por não serem gírias (pelo menos não nitidamente) e traduções de verbetes apresentados no site.

6.1 Análise quantitativa baseada nos processos morfológicos

No site Maranhão em Sinais, foram verificados setenta e dois (72) entradas-gírias, mais dois (+2) sinais repetidos e onze (11) variantes, totalizando oitenta e cinco (85) sinais. Todos esses dados foram apresentados no gráfico e na tabela de análise dos sinais-gíria. Dos processos morfológicos estudados, foram encontrados: flexão de concordância, flexão de aspecto, transferência de tamanho e de forma, transferência de situação, transferência de corpo, transferência de vibração, incorporação de negação, incorporação do numeral, metáfora equivalente na forma e no sentido, derivação a partir do léxico não-nativo, composição por justaposição e composição por aglutinação.

O gráfico abaixo resume os quantitativos de ocorrências de cada processo no referido banco de dados.

Gráfico 1: Ocorrências dos processos morfológicos no corpus pesquisado



Fonte: A autora

Elencam-se, a seguir, os nomes dos sinais-gíria analisados do site, dos respectivos processos morfológico apresentados a partir do gráfico acima e da tabela de análises dos sinais-gíria no apêndice. E, no item seguinte, serão apresentados os sinais-gíria selecionados correspondentes a cada um dos tipos de processo morfológicos encontrados.

Foram encontrados seis (6) sinais-gíria dos processos morfológicos de flexão de concordância que são os sinais: LAMENTO⁷, MAIS-DO-QUE, RAZÃO, RAZÃO-(variante 1), TAMBÉM (variante 1) e o sinal TAPIAR. E, na “flexão de aspectual”, foram encontrados, vinte (20) sinais-gíria: DE-NADA, DEBIL-MENTAL, DUVIDO, ECA, ESQUENTADO, FARTO-CHEIO, FLAGRAR, MÃO-DE-VACA, NOSSA, NOVO-NOVINHO, O-QUE-É-ISSO, ÓDIO, ÓDIO (variante -1), PAPO, RESUMO-RESUMIR, SÓ-ISSO, TOP, ÉGUAS, SACO-CHEIO E SUMIR-DO-MAPA.

Nos processos das transferências, foram encontrados seis (6) sinais-gíria de “transferência de tamanho e de forma” que são: CABEÇA-DURA, COVARDE, RESUMO-RESUMIR, CHIQUE, OLHO-VIVO e SACO-CHEIO. E, na “transferência de situação”, foram dez (10) sinais-gíria: QUEBRAR-A-CARA, ABAIXAR-POEIRA, BABÃO, CAIR-A-MÁSCARA, CARA-DE-PAU, CORDA-NO-PESCOÇO, OLHO-DA-CARA, ROLÊ, ROLÊ (variante 1), e SACO-CHEIO. Na “transferência de pessoa”, foram quatorze (14) sinais-gíria: ACOMODADO, AMOSTRADO, ARRASOU, BEM FEITO, CUIDA-ACELERA, DORMINHOCO, FLAGRAR (variante - 1), MÃO-DE-VACA, QUEBRA-A-CARA, TRANQUILO, VIU, VOCÊ-ME-PAGA, ÉGUAS, PESCANDO. Já na “transferência de vibração”, foram apenas dois (2) sinais-gíria, que são: ABUSADO e DORMINHOCO-(RONCO).

No processo de “incorporação de negação”, foram encontrados somente um (1) sinal-gíria: NÃO-LEMBRO. E, na “metáfora equivalente na forma e no sentido”, foram encontrados cinco (5) sinais-gíria, que são: BATER-PAPO, CABEÇA-DURA, CARA-DE-PAU, CHIQUE, CORDA-NO-PESCOÇO. E, no processo de “derivação por léxico não nativo”, foram apenas dois (2) sinais-gíria: 007 e AFF.

Nos processos dos sinais compostos (“composição por justaposição”), foram encontrados quatro (4) sinais-gíria: CONFORTO, ME-POUPE, MEU-DEUS, e MEU-DEUS-DO-CÉU. E, no processo de “composição por aglutinação”, foram encontrados três (3) sinais-gíria: SEM-GRAÇA, SEM-VERGONHA e SEM-VERGONHA (variante 1).

Também são indicados nove (9) sinais-gíria que não foram identificados os seus processos morfológicos, que são: BEM-FEITO (variante 1), DISFARÇAR, DISFARÇAR (variante

⁷ Para fins de referência, neste trabalho, utilizam-se letras maiúsculas ao escrever as glosas em LP que se refere ao sinal. Em sinais identificados por mais de uma palavra em português, utilizamos glosas em letras maiúsculas, com as palavras separadas por hífen. Assim, MAIS-DO-QUE, embora representado por três palavras em português, é um único sinal, por exemplo.

1), ÉGUAS (variante 1), INFELIZMENTE (variante 1), LEGAL, LÓGICO, MASSA e PAIA. Estes são sinais raízes e morfemas livres, que não passam por processos de flexão ou composição, nem sequer são formados por transferências de qualquer tipo, por isso não são considerados para este estudo.

Citam-se doze (12) sinais, não considerados gírias, encontrados no banco de dados do site Maranhão em Sinais que são: BEM-AÍ, COMPREENDER, ENCURREALAR, INFELIZMENTE, MUITO-RÁPIDO-ALTA-VELOCIDADE, NÃO-SABIA, NÃO-SEI, ÓTIMO, SEM-VERGONHA (variante 2), SOUBE, TAMBÉM e o sinal JOGAR-O-VERDE.

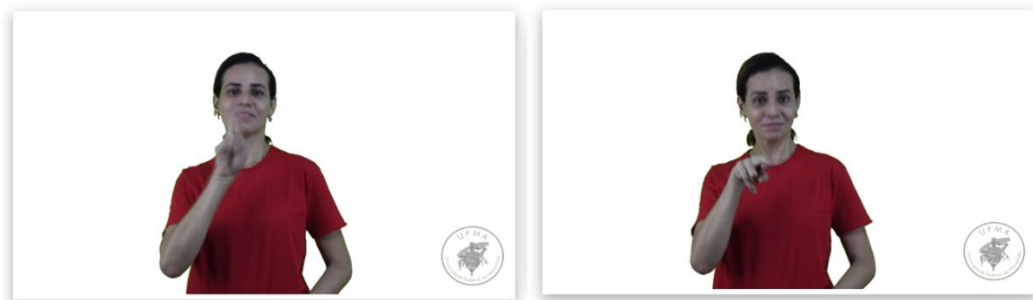
6.2 A formação dos sinais das gírias da comunidade surda de São Luís

A seguir, estão os sinais-gíria selecionados como exemplos de cada um dos respectivos processos morfológicos, organizados conforme os subitens do Capítulo 3 deste trabalho.

6.2.1 Flexão de concordância

Na flexão de concordância (Figura 19), apresenta-se o sinal-gíria RAZÃO; este sinal flexiona em pessoa, número e aspecto.

Figura 19: Sinal-gíria RAZÃO



Fonte: Site Maranhão em Sinais

Nota-se, na figura, que a sinalizante representa a primeira pessoa do discurso como agente ativa, direcionando o movimento da mão configurada para a segunda pessoa, agente passiva, que recebe a mensagem. Na LP, esse sinal pode ser traduzido: “você tem razão”. Este mesmo sinal pode sofrer alteração na direcionalidade do movimento, ocasionando na concordância com as pessoas do discurso. Nesse sentido, conforme o que está descrito por Quadros

(2019), enfatizado nesse estudo na seção 3.1.1, pode-se considerar que o sinal-gíria RAZÃO sofre flexão de concordância.

6.2.2 Flexão aspectual

No exemplo abaixo (Figura 20) de flexão aspectual, existe o sinal-gíria ÓDIO que se flexiona. Há, respectivamente, a alteração na frequência do movimento e o direcionamento para demonstrar o aspecto do sinal.

Figura 20: Sinal-gíria ÓDIO



Fonte: Site Maranhão em Sinais

A mesma forma do sinal em contexto de uso cotidiano pode significar NÃO-SABER, no entanto, utilizado como gíria, exige a flexão aspectual, como já explicada, acrescida da expressão não manual negativa. Assim, segundo Quadros (2019), retomado na Seção 3.1.2, o sinal-gíria ÓDIO, no contexto de uso, passa por flexão aspectual.

6.2.3 Transferência de tamanho e de forma

No exemplo ilustrado abaixo (Figura 21), apresenta-se o sinal-gíria OLHO-VIVO.

Figura 21: Sinal-gíria OLHO-VIVO



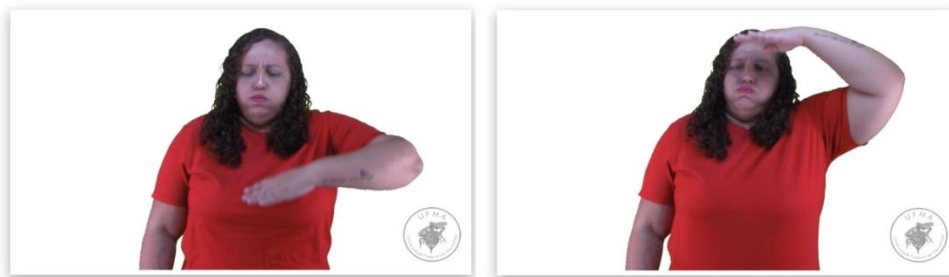
Fonte: Site Maranhão em Sinais

Nota-se que a sinalizante transfere a forma e o tamanho do olho humano utilizando os dedos indicadores e médios das duas mãos, criando um formato análogo ao referente. Os movimentos circulares acrescentados ao sinal representam a atividade do olho, de estar atento a tudo, completando o sentido da gíria. Dessa forma, de acordo com Cuxac e Sallandre (2007), explicado no Capítulo 3, na seção 3.1.4.1, o sinal-gíria OLHO-VIVO é um exemplo de transferência de tamanho e forma.

6.2.4 Transferência de situação

Nota-se no sinal-gíria (Figura 22), a sinalizante usa o espaço à sua frente para reproduzir SACO-CHEIO. O corpo da sinalizante funciona como ponto de referência em relação à gíria. Dessa forma, a mão se movimenta no espaço-neutro, de baixo para cima, simultaneamente com as expressões não manuais, que são marcas produtivas do sinal. Observa-se que a sinalizante fica com as bochechas infladas na proporção que vai elevando o movimento do sinal. O movimento de baixo para cima, que a sinalizante demonstrou com a mão dominante e as bochechas infladas, dá ideia de algo que está se enchendo muito rápido ou que já está cheio (metaforicamente, “impaciente ou incomodado”).

Figura 22: Sinal-gíria SACO-CHEIO



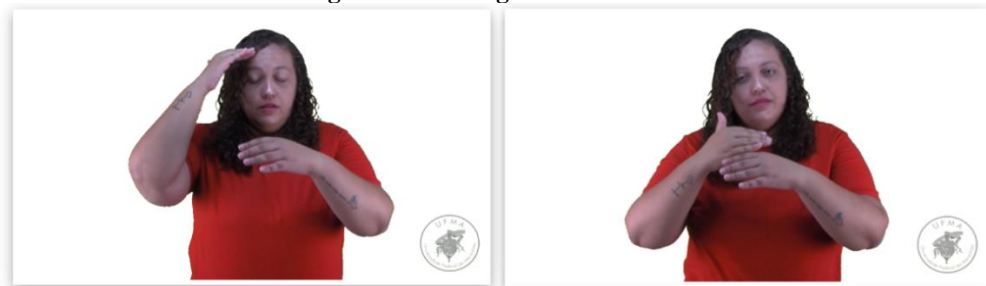
Fonte: Site Maranhão em Sinais

Dessa maneira, Cuxac e Sallandre (2007) afirmam que ocorre aqui uma transferência de situação, na qual se transfere a ação real de algo que se enche, e que corresponde à metáfora da gíria em LP. Assim, SACO-CHEIO é um exemplo de sinal-gíria produzido por uma transferência de situação.

6.2.5 Transferência de corpo

A Figura 23 indica que a sinalizante utiliza todo o corpo para representar sinal-gíria PESCANDO. O movimento está relacionado com o “baixar da cabeça”, a ação da pessoa sonolenta, que começa a adormecer em pé ou sentada e não consegue se manter ereta.

Figura 23: Sinal-gíria PESCANDO



Fonte: Site Maranhão em Sinais

O movimento das mãos utilizado no espaço em frente ao corpo representa as pálpebras se fechando de forma pesada. As expressões não manuais junto com o movimento trazem marcas produtivas na realização deste sinal. Assim, Cuxac e Sallandre (2007) descrevem que o sinal-gíria PESCANDO se forma a partir de um processo morfológico de transferência de corpo.

6.2.6 Transferência de vibração

Nas ilustrações do sinal-gíria DORMINHOCO (Figura 24), a mão dominante da sinalizante realiza o movimento que vai aumentando: as mãos configuradas abertas e os dedos movimentam-se de forma a dar ideia de vibração dos dedos. Essa execução visa reproduzir a vibração do que seria o ritmo da respiração durante o sono ou o ronco. Isso é atrelado ao morfema boca, que imita a forma da boca da pessoa que produz o som. Essa qualidade de sinestesia, que busca dar ao surdo a dimensão da vibração produzida pelos sons, está presente nas LS. Isso levou o autor surdo Bruno Ramos (2018) a propor a nomenclatura “transferência de vibração” como uma categoria a ser juntada à teoria de Cuxac e Sallandre (2007), caso do sinal analisado abaixo.

Figura 24: Sinal-gíria DORMINHOCO



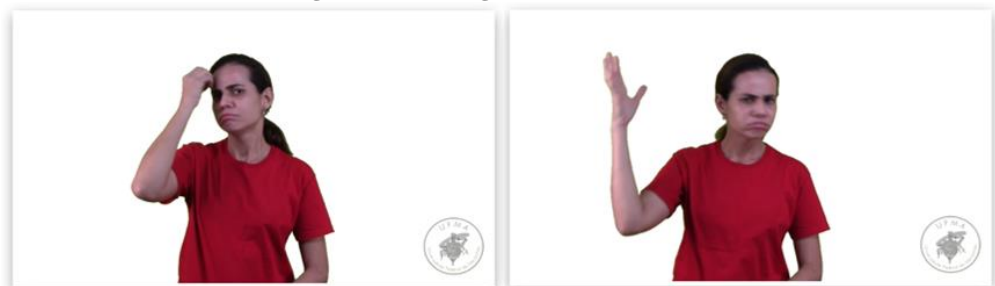
Fonte: Site Maranhão em Sinais

Em virtude de dar a dimensão da vibração produzida por um som, pode-se considerar que, no sinal DORMINHOCO, ocorre um processo de produção morfológica de transferência de vibração.

6.2.7 Incorporação de negação

A Figura 25, abaixo, apresenta o sinal NÃO-LEMBRO. A primeira imagem mostra a mão com os dedos flexionados, tocando as pontas na testa (têmpora, do lado da mão dominante), e, na segunda figura, é mostrada a mão com os dedos já esticados, ambas figuras acompanhadas com o balançar da cabeça de forma de negação. Esse sinal carrega a negação apresentada pelo movimento contrário ao que seria o sinal MEMORIZAR, além disso a negação é enfatizada por meio da expressão facial incorporada ao sinal.

Figura 25: Sinal-gíria NÃO-LEMBRO



Fonte: Site Maranhão em Sinais

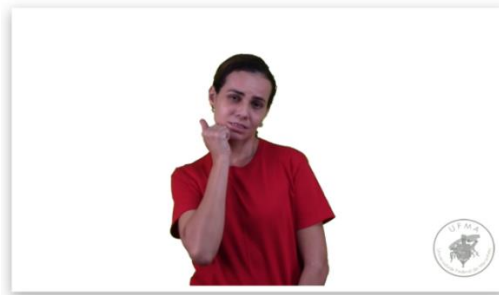
Nesse sentido, Quadros (2019) relata que a incorporação da negação consiste na alteração do movimento do sinal, cuja execução passa a ser em sentido contrário ou diferente do sinal

que o origina. Portanto, pode-se compreender que NÃO-LEMBRO é um exemplo desse processo.

6.2.8 Metáfora equivalente na forma e no sentido

Segundo Faria (2006, p. 181), as metáforas têm base cognitiva, por isso, não são assuntos da língua, mas do pensamento ou da ação. Assim, “Itens e/ou fraseologismos da LSB com metáfora e sentido equivalente a itens e/ou fraseologismos da LP” (Faria, 2006, p.188).

Figura 26: Sinal-gíria CARA-DE-PAU



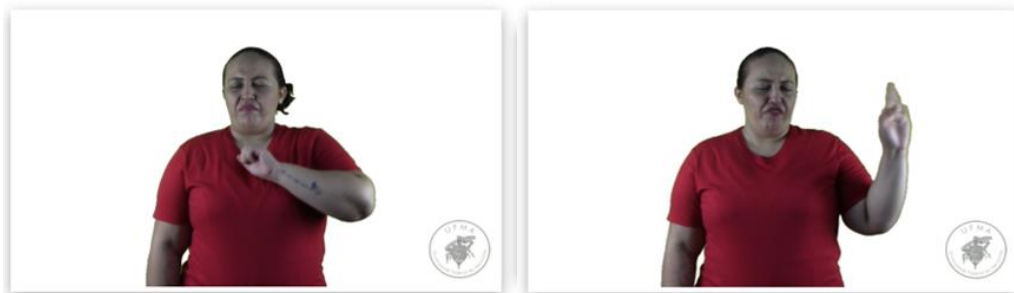
Fonte: 1Site Maranhão em Sinais

Em consonância com Faria (2006), o sinal-gíria CARA-DE-PAU apresentado acima, entra na categoria metafórica por ser metáfora e sentido equivalente (metaforicamente por “ser” FOLGADO, ATREVIDO). Assim, o sinal-gíria CARA-DE-PAU pode ser considerado “metáfora equivalente na forma e no sentido”.

6.2.9 Derivação a partir do léxico não nativo na Libras

O sinal-gíria AFF é representado pelas letras A e F do alfabeto manual. Nota-se que o sinal é uma soletração datilológico.

Figura 27: Sinal-gíria AFF



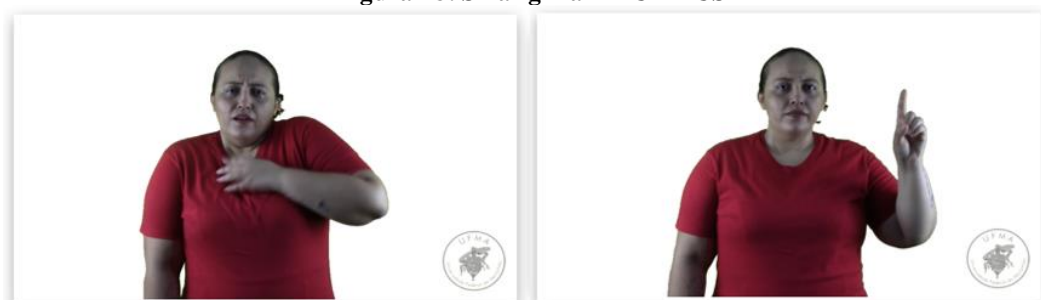
Fonte: Site Maranhão em Sinais

Ademais, considera-se AFF, como empréstimo linguístico da LP. Assim sendo, esse sinal se encaixa no que está descrito por Quadros e Karnopp (2004), quando explicam que parte do léxico da Libras é formado a partir das palavras da LP utilizando a datilologia. Portanto, AFF é um exemplo de derivação a partir do léxico não nativo.

6.2.10 Composição por justaposição

Conforme o que está descrito no Capítulo 3, na Seção 3.2.2.1, a justaposição ocorre na junção de dois sinais para expressar um conceito único, sendo que, nesses casos, é preciso que os constituintes de todos os sinais os quais formam o composto sejam realizados em sua totalidade, isto é, sem alteração dos seus parâmetros fono-morfológicos (Quadros *et al*, 2023). Cada sinal desse tipo de composição é um morfema radical livre. Com isso em mente, observa-se o exemplo do sinal-gíria abaixo:

Figura 28: Sinal-gíria MEU-DEUS



Fonte: Site Maranhão em Sinais

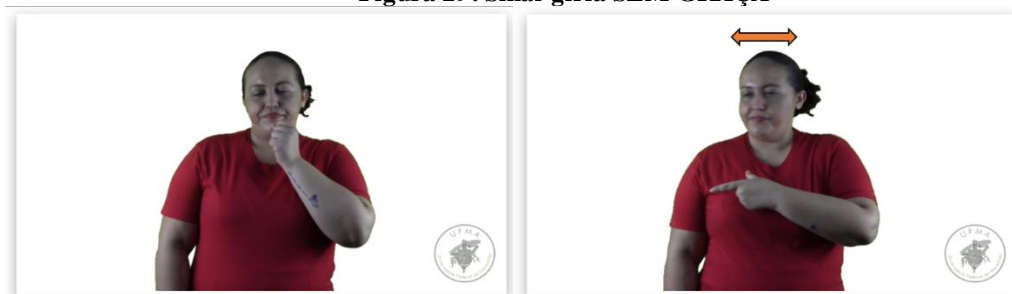
A primeira imagem da Figura 28, acima, apresenta o sinal MEU, e a segunda, o sinal DEUS. Estes sinais se juntam formando o sinal-gíria composto MEU-DEUS (MEU + DEUS). Nota-se que os sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade na formação

composta. Assim, conforme Quadros *et al* (2023), corroborado por Xavier e Neves (2016), compreende-se que o sinal-gíria MEU-DEUS é um composto por justaposição.

6.2.11 Composição por aglutinação

Compreendem na Libras como compostos por aglutinação, conforme o que está descrito por Quadros *et al* (2023) e explanado na Seção 3.2.2.2 deste estudo, os sinais (morfemas livres e radicais) se juntam e sofrem uma alteração dos sinais componentes no sentido de “reduzir ou suprimir” parte deles. Cita-se o exemplo do sinal-gíria abaixo:

Figura 29: Sinal-gíria SEM-GRAÇA



Fonte: Site Maranhão em Sinais

Nas ilustrações do sinal-gíria SEM-GRAÇA (Figura 29) acima, a sinalizante executa o sinal PIADA. Este sinal é simultâneo com as expressões não manuais, a expressão facial contraída e o movimento de negação com a cabeça, compreendido como morfema livre de NEGAÇÃO (Capovilla *et al*, 2015). O ato de movimentar a cabeça para um lado e para outro, por si só, carrega um significado e é um sinal da Libras. Assim, os sinais se juntam formando o composto sinal-gíria SEM-GRAÇA (PIADA + NEGAÇÃO). A simultaneidade dos dois sinais executados configura uma alteração de seus parâmetros fonológicos primários. Portanto, conforme Quadros *et al* (2023), apoiado pela ideia apresentada por Capovilla *et al* (2015), o sinal-gíria SEM-GRAÇA pode ser considerado um composto por aglutinação.

6.3 O caso dos sinais não gíria e as questões de tradução.

Analisa-se todos os sinais do site Maranhão Sinais e, conseqüentemente, os considerados não gírias, e ainda aqueles apresentados também no glossário no item 6.1 deste capítulo. Os sinais indicados no glossário os quais se encaixam nesse último grupo, acredita-se que são sinais específicos do sinal formal da Libras, mas não possuem uso informal por determinado

grupo, classificando-os como gíria. Como por exemplo, citam-se 3 (três) desses sinais: COMPREENDER, INFELIZMENTE e MUITO-RÁPIDO. Estes sinais e outros analisados nesta categoria não obtiveram alterações nos parâmetros que os diferenciavam do sinal formal da Libras e nem possuem registro terminológico com significado semântico e/ou contextual alterado. Por isso, pode-se realmente considerar que não são gírias, ou seja, não são sinais informais.

Identificar sinais que não são gírias é um dos problemas apontados, podendo ser sanado com a inserção da conceituação de cada sinal e da demonstração prática de uso desses mesmos enquanto gírias. Talvez seja o caso de apresentar situações simuladas de uso, dando a devida demonstração do sinal em contexto informal e adquirindo um significado diferente daquele dicionarizado. Isso seria a comprovação de que os sinais são de fato gíria, mesmo não conhecidas de muitos, como é o caso da pesquisadora desse trabalho e dos seus orientadores.

Um segundo problema que merece discussão é o caso da nomeação dos sinais listados no glossário do Maranhão em Sinais. Algumas palavras escolhidas para nomear gírias na Libras não conseguem transmitir totalmente o que essa gíria significa, ou em que situação ela pode ser utilizada, como exemplo, cita-se o sinal-gíria RESUMO-RESUMIR. Esse sinal é utilizado como uma forma de interromper uma conversa sobre determinado tema, por conta de surgir um impedimento para a sua continuidade⁸. Embora haja palavras do português que se aproximem da ideia, não há uma gíria equivalente. A gíria em português “abafa” seria próxima, no entanto “abafa” significa algo como “não comente nada sobre isso” ou “esse assunto acaba aqui”; já RESUMIR significa algo como “vamos parar de falar sobre esse tema por enquanto, e retomaremos ele em outro momento oportuno”.

Ao mesmo tempo, o uso de RESUMIR é o sinal que tem a forma fonológica mais parecida com essa gíria, também não exprime o mesmo significado. A gíria não contém a mesma ideia do sinal RESUMIR, significando literalmente fazer uma síntese de algo. Dessa forma, percebe-se o desafio de nomear as gírias. Talvez fosse o caso de numerar as gírias, ou ainda dar nomes metafóricos que se aproximassem da ideia, como RESUME-E-GUARDA para o sinal discutido acima. Ao mesmo tempo, a presença da definição da gíria e o próprio trabalho da formulação dessa definição poderão desenvolver melhores formas de nomeação dessa parte do glossário.

⁸ Uma situação de uso possível seria: Imaginemos que duas pessoas conversam sobre um tema particular e confidencial de uma delas; de repente uma terceira pessoa se aproxima, e para interromper o que falam, a fim de que não vazem informações dali uma dessas pessoas faça o sinal RESUMIR; no mesmo instante o tema da conversa é mudado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou identificar os processos morfológicos que formam os sinais de gírias utilizados pela comunidade surda de São Luís-MA, catalogados pelo site Maranhão em Sinais, criado a partir do projeto de pesquisa “Os sinais maranhenses da Língua de Sinais Brasileira: contribuições para seu uso e difusão em ambientes digitais”. E teve como pergunta de pesquisa: “Quais processos morfológicos podem ser observados nas gírias utilizadas pela comunidade surda de São Luís?”

Os processos morfológicos observados e encontrados nas gírias dos surdos ludovicenses foram estes: flexão de concordância, flexão de aspecto, transferência de tamanho e de forma, transferência de situação, transferência de corpo, transferência de vibração, incorporação de negação, metáfora equivalente na forma e no sentido, derivação a partir do léxico não-nativo, composição por justaposição e composição por aglutinação.

No decorrer da pesquisa, surgiram questionamentos que, mesmo não sendo o foco deste estudo, fizeram parte das discussões como: Por que temos sinais que não são gírias no glossário, e por que podemos realmente dizer que não são gírias? A nomeação dos sinais consegue transmitir a ideia que a gíria carrega? Se não, que ideia poderia ser útil para o glossário? Esses questionamentos merecem mais aprofundamento e podem ser incluídos no escopo de pesquisas futuras. Nas análises dos sinais-gíria, não foram encontrados os processos morfológicos de flexão de número e incorporação do numeral. E esse também é um tema que pode ser fruto de investigações no futuro.

Na análise dessa pesquisa, deixa-se de se observar processos simultâneos que podem ocorrer em um mesmo sinal. Por exemplo, transferências de qualquer tipo podem ser acompanhadas de flexões aspectuais, mas isso não foi considerado nesse estudo. Neste sentido, foram levados em conta somente os processos morfológicos em destaque, isto é, aqueles que são considerados primordiais para a formação do sinal-gíria analisado. Assim, uma possibilidade de aprofundamento desse tema é fazer anotações mais detalhadas de cada sinal analisado, o que resultaria em um volume de dados mais robusto para a análise, permitindo assim outras inferências ausentes nessa monografia.

Espera-se que esta pesquisa seja um contributo para a comunidade surda, somando-se aos ainda poucos estudos sobre os sinais-gíria e auxiliando para elucidar as questões da língua

em uso e da pragmática da Libras. Além disso, devem ser feitas mais pesquisas sobre a variedade de Libras do Maranhão, utilizando o banco de dados rico por meio do site Maranhão em Sinais, e também outros projetos desenvolvidos no Estado. E, finalmente, que mais vozes maranhenses se somem ao estudo da língua de sinais de todo o território brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark; MEIR, Irit; SANDLER, Wendy. **O paradoxo do signo morfologia da linguagem.** Idioma (Baltim). Título original: “The paradox of sign language morphology. Language (Baltim)”, 2005., [n.p.]. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3250214/>. Acesso: 30 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto N° 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm acesso em: 4 jan. 2023.

BRASIL. **Lei Federal N°10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: 2023 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 4 jan. 2023.

BRITO, Ferreira Lucinda. **Integração Social & Educação de Surdos.** Babel Editora – Rio de Janeiro, 1993.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. D; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras:** Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1: sinais de A a H. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2015.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras:** Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volume 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: Cnpq: Capes, 2009.

CRUZ, Cristiano Pimentel. **Gírias na língua de sinais brasileira:** processos de criação e contextos de uso. – Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional – Curso de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, TO, 2020. 116 f.

CIRANDA CULTURAL. **Dicionário escolar:** língua portuguesa. - 1ª.ed. - Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2015.

CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. **Iconicidade e arbitrariedade na Língua gestual francesa – estruturas altamente icônicas, iconicidade degenerada e iconicidade diagramática.** Título original: Iconicity and arbitrariness in French sign language – highly iconic structures, degenerated iconicity and diagrammatic iconicity. DOI: [10.13140/RG.2.1.4884.8483](https://doi.org/10.13140/RG.2.1.4884.8483) January 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280099203> acesso em: 30 nov. 2023.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares.** In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. A. Estudos da língua brasileira de sinais I. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 79-113.

- FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações lexicais da LSB:** uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.
- FARIA, Sandra Patrícia de. **Metáfora na LSB:** Debaixo dos panos ou a um palmo de nosso Nariz? Estudos Linguísticos Grupo de Estudos e Subjetividade - ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p. 179-199, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Acesso: 29 mar. 2024.
- FELIPE, T. A. (2006). **Os processos de formação de palavras na Libras.** ETD - Educação Temática Digital, 7(2), 200-217.
- GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- HOUAISS, Antônio. [1915- 1999]. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa.** - 4.ed. rev. e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- JÚNIOR, Ismair I. **Análise de mudanças morfofonológicas na Língua Brasileira de Sinais em comparação à produção em Língua de Sinais Francesa.** Monografia do Curso de Licenciatura em Letras Português Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.
- MARANHÃO EM SINAIS.** Sítio eletrônico. Disponível em: <https://portalpa-drao.ufma.br/acessibilidade/maranhao-em-sinais/girias> Acesso em: 22 set. 2022.
- PRETI, Dino. **A gíria e outros temas.** São Paulo. Edusp. 1984.
- PRETI, Dino. Dicionário de Gíria. **Revista Alfa**, n. 44, p. 57-73, 2000.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; ERNANI, Cesar de Freitas. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** – Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller. **LIBRAS:** Linguística para o ensino superior. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, Ronice et.al (org.). **A Gramática da Libras.** Rio de Janeiro: INES, 2023 p. 511; v. 01.
- RAMOS, Bruno; RIGO, Natália Schleder. O uso de transferências em narrativas produzidas por surdos: transferência de vibração em foco. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3045>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- SANTANA, Braulino Pereira de. MORFOLOGIA E LÉXICO ATACAM AS PALAVRAS. **Revista: Estudos Linguísticos e Literários**, Nº 48, jul-dez- 2013, Salvador: pp. 130-148.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. – (org.) Charles Bally, Albert Sechehaye- Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein- 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Alessandra Freitas da. **GÍRIA: LINGUAGEM OU VOCABULÁRIO?** - **Revista Philologus**, Ano 14, N° 41. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago.2008.

SILVA, Isaack Saymon Alves Feitosa. **Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB):** Processo e Interpretação. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STOKOE, William. **Estruturas de linguagem de sinais:** um esboço do sistema de comunicação visual dos surdos americanos. Título original: “Sign Language Structures: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf”. *Estudies in Linguistics Occasional Papers*, nº 8, BuffaloNY, 1960.

VILLALVA, Alina. **Morfologia do Português**. Universidade Aberta 2007. All content following this page was uploaded by Alina Villalva on 02 May 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324824196> acesso em: 10 mai. 2023.

XAVIER, André Nogueira; NEVES, Sylvia Lia Grespan. **Descrição de aspectos morfológicos das Libras**. *Revista Sinalizar*, v.1, n.2, p. 130-151, jul./dez. 2016.

APÊNDICE A – Tabela de análise dos sinais-gíria do site Maranhão em Sinais

Nº	VERBETE	S/C	LINK	PROCESSO
1.	007	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/007/	Derivação por léxico não nativo
2.	ABUSADO	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/abu sado/	Transferência de vibra ção
3.	ACOMODADO	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/aco modado/	Sinal arbitrário + Trans ferência de pessoa
4.	AFF	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/aff/	Derivação por léxico não nativo
5.	AMOSTRADO	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/amos trado/	Sinal arbitrário + Trans ferência de pessoa
6.	ARRASOU	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/arra sou/	Transferência de pes soa
7.	BATER PAPO	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/ba ter papo/	Metáfora equivalente na forma e no sentido
8.	BEM AÍ	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/bem ai/	Arbitrário – NÃO É GÍRIA
9.	BEM FEITO	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/bem feito/	Transferência de pes soa
10.	BEM FEITO (variante 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/bem feito-variante-1/	Processo não identifi cado
11.	CABEÇA DURA	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/ca beca-dura/	Metáfora equivalente na forma e no sentido + Transferência de tama nho e forma
12.	CARA DE PAU	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/cara de-pau/	Metáfora equivalente na forma e no sentido
13.	COMPREENDER	C	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/com preender/	Composição por agluti nação NÃO É GÍRIA
14.	CONFORTO	C	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/con forto/	Composição por justa posição
15.	COVARDE	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/co varde/	Transferência de tama nho e forma + de pes soa
16.	CUIDA	S	https://portalpa drao.ufma.br/aces sibi lidade/maranhao-em-sina is/gi rias/cuida acelera/	Transferência de pes soa

17.	DE-NADA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/de-nada/	Flexão de aspecto
18.	DEBIL MENTAL	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/debil-mental/	Flexão de aspecto
19.	DISFARÇAR	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/disfar-car/	Processo não identificado
20.	DISFARÇAR (variante 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/disfar-car-variante-1/	Processo não identificado
21.	DORMINHOCO (ronco)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/dorminhoco/	Transferência de vibração + transferência de pessoa
22.	DUVIDO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/du-vido/	Flexão de aspecto
23.	ECA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/e ca/	Flexão de aspecto
24.	ENCURRALAR	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/encurralar/	Flexão de concordância NÃO É GÍRIA
25.	ESQUENTADO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/es-quentado/	Flexão de aspecto
26.	FARTO-CHEIO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/farto-cheio/	Flexão de aspecto
27.	FLAGRAR	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/fla-grar/	Flexão de aspecto
28.	FLAGRAR1 (O vídeo do sinal inclui o sinal OU, que não é parte da gíria)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/fla-grar-variante-1/	Transferência de pessoa
29.	INFELIZMENTE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/infelizmente/	Não é gíria
30.	INFELIZMENTE (variante 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/infelizmente-variante-1/	Processo não identificado
31.	LAMENTO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/la-mento/	Flexão de concordância
32.	LEGAL	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/le gal/	Processo não identificado
33.	LÓGICO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/lo-gico/	Processo não identificado

34.	MAIS DO QUE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ mais-do-que/	Flexão de concordância
35.	MÃO DE VACA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ mão-de-vaca/	Flexão de aspecto. Transferência de pessoa
36.	MASSA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ massa/	Processo não identificado
37.	ME POUPE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ me-poupe/	Composição por justaposição
38.	MEU DEUS	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ meu-deus/	Composição por justaposição;
39.	MEU DEUS DO CÉU	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ meu-deus-do-ceu/	Composição por justaposição;
40.	MUITO RÁPIDO - Alta - velocidade	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ muito-rapido-alta-velocidade/	(não é gíria) Capovilla (2015, p. 2475)
41.	NÃO LEMBRO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ não- lembro/	Incorporação de negação;
42.	NÃO SABIA	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ não-sabia/	Composição por aglutinação, NÃO É GÍRIA
43.	NÃO SEI	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ não-sei/	Incorporação de negação; NÃO É GÍRIA
44.	NOSSA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ nossa/	Flexão de aspecto
45.	NOVO – NOVINHO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ novo-novinho/	Flexão de aspecto (parece com ótimo)
46.	O QUE É ISSO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ o-que-é-isso/	Flexão de aspecto (igual a ESTRANHO)
47.	ÓDIO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ odio/	Flexão de aspecto + Sinal arbitrário (igual a NÃO-SABER)
48.	ÓDIO (VARIANTE 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ odio-variante-1/	Flexão de aspecto (igual a INIMIG@)
49.	ÓTIMO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ otimo/	Flexão de aspecto não é gíria
50.	PAIA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ paia/	Processo não identificado
51.	PAPO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ papo/	Flexão de aspecto

52.	QUEBRA A CARA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ que-brar-a-cara/	Transferência de Pessoa (DE CARA NO CHÃO) Seria tradução da gíria? Transferência de situação
53.	RAZÃO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ razao/	Flexão de concordância
54.	RAZÃO-(VARIANTE 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ razao-variante-1/	Flexão de Concordância
55.	RESUMO – resumir	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ resumo-resumir/	Flexão de aspecto + Transferência de Tamanho e Forma (É uma gíria? Se sim, utilizada em que contexto?)
56.	SEM GRAÇA	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ sem-graca/	Sinal composto por aglutinação.
57.	SEM- VERGONHA	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ sem-vergonha/	Sinal composto por aglutinação.
58.	SEM - VERGONHA (VARIANTE 1)	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ sem-vergonha-variante-1/	Sinal composto por aglutinação.
59.	SEM- VERGONHA (VARIANTE 2)	C	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ sem-vergonha-variante-2/	Composição por justaposição, NÃO É GÍRIA
60.	SÓ ISSO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ so-isso/	Flexão de aspecto
61.	SOUBE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ soube/	Flexão de aspecto; NÃO É GÍRIA
62.	TAMBÉM	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ tambem/	Flexão de concordância (CONCORDAR, se for somente uma variante, não é gíria) NÃO É GÍRIA
63.	TAMBÉM (VARIANTE 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ tambem-variante-1/	Flexão de concordância (IGUAL)
64.	TAPIAR	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ tapiar/	Flexão de concordância
65.	TOP	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ top/	Flexão de aspecto
66.	TRANQUILO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ tranquilo/	Transferência de pessoa
67.	VIU	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/gírias/ viu/	Transferência de pessoa

68.	VOCÊ ME PAGA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ voce-me-paga/	Transferência de pessoa (TOMAR NOTA)
69.	ABAIXAR POEIRA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ abai-xar-a-poeira/	Transferência de situação
70.	BABÃO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ ba-bao/	Transferência de situação
71.	CAIR A MÁSCARA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ cair-a-mascara/	Transferência de situação
72.	CARA DE PAU (sinal repetido)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ cara-de-pau/	Transferência de situação + Metáfora equivalente na forma e no sentido
73.	CHIQUE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ chique/	Transferência de tamanho e forma. Metáfora equivalente na forma e no sentido (METID@)
74.	CORDA NO PESCOÇO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ corda-no-pescoco/	Transferência de situação. Metáfora equivalente na forma e no sentido
75.	ÉGUAS	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ eguas/	Transferência de pessoa (EITA) Flexão de aspecto
76.	ÉGUAS (variante 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ eguas-variante-1/	Processo não identificado
77.	JOGAR O VERDE	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ jogar-verde/	Sinal arbitrário (ENCONTRAR, IDENTIFICAR) Não é gíria
78.	OLHO DA CARA	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ olho-da-cara/	Transferência de situação (Conferir a tradução)
79.	OLHO VIVO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ olho-vivo/	Transferência de tamanho e forma, e de situação (Conferir o uso)
80.	PESCANDO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ pescando/	Transferência de Pessoa
81.	ROLÊ	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ role/	Transferência de situação
82.	ROLÊ (VARIANTE 1)	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ role-variante-1/	Transferência de situação
83.	SACO CHEIO	S	https://portalpa drao.ufma.br/ acessibilidade/ maranhao-em-sina is/ gírias/ saco-cheio/	Flexão de aspecto + transferência de situação + transferência de tamanho e de forma

84.	SUMIR DO MAPA	S	https://portalpa.drao.ufma.br/acesibilidade/maranhao-em-sinais/girias/sumir-do-mapa/	Flexão de aspecto
85.	TOP (sinal repetido)	S	https://portalpa.drao.ufma.br/acesibilidade/maranhao-em-sinais/girias/top/	Flexão de aspecto

Fonte: Elaborado pela autora